

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

ALINE APARECIDA BENTO PEREIRA

VÍDEO-PROPAGANDAS VALORIZAÇÃO DO PROFESSOR I E II MEC/2009:  
ANÁLISE SOBRE SEUS CONTEÚDOS

MARINGÁ  
2016

ALINE APARECIDA BENTO PEREIRA

VÍDEO-PROPAGANDAS VALORIZAÇÃO DO PROFESSOR I E II MEC/2009:  
ANÁLISE SOBRE SEUS CONTEÚDOS

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado ao Curso de Pedagogia,  
como requisito parcial para cumprimento  
das atividades exigidas na disciplina do  
TCC.

Orientação: Profa. Dra. Aline Frollini  
Lunardelli Lara

MARINGÁ  
2016

ALINE APARECIDA BENTO PEREIRA

VÍDEO-PROPAGANDAS VALORIZAÇÃO DO PROFESSOR I E II MEC/2009:  
ANÁLISE SOBRE SEUS CONTEÚDOS

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado ao Curso de Pedagogia,  
como requisito parcial para cumprimento  
das atividades exigidas na disciplina do  
TCC.

Orientação: Profa. Dra. Aline Frollini  
Lunardelli Lara

Aprovado em: 02/02/2017

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Aline Frollini Lunardelli Lara  
(Orientadora)  
Universidade Estadual de Maringá

---

Profa. Mda. Mariana Costa do Nascimento  
Universidade Estadual de Maringá

---

Prof. Dr. Maria de Jesus Cano Miranda  
Universidade Estadual de Maringá

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Eva Batista Pereira pelo apoio e incentivo para a realização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Jesus Cristo, meu Amado, que dia após dia me ensina a ser uma pessoa melhor com o Deus Criador e com o próximo.

A minha professora orientadora Aline Frollini Lunardelli Lara, pela sabedoria, ajuda e determinação durante a execução deste trabalho.

A minha mãe Eva Batista Pereira por toda dedicação e amor para mim e meus irmãos.

Ao meu noivo João Alex de Oliveira pela paciência e incentivo nos momentos difíceis.

Por fim, agradeço a banca, professoras Maria de Jesus Cano Miranda e Mariana Costa do Nascimento pela leitura atenciosa que tiveram com este trabalho e por todas as contribuições que fizeram para a melhoria dele.

## RESUMO

Esta pesquisa trata da imagem do professor divulgadas em peças publicitárias oficiais. Este estudo teve por objetivo investigar quais conteúdos sobre professores são incorporados nas peças publicitárias *Valorização do Professor I e II*, divulgadas em nome do Ministério da Educação em 2009. Os objetivos específicos foram: identificar os conteúdos presentes nas peças publicitárias, analisar a imagem do professor transmitida por elas. Utilizamos como referencial teórico as contribuições de Maria Helena Souza Patto (1992, 1996, 2007). Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de análise de conteúdo das vídeo-propagandas. Em *Valorização do Professor I* o docente é coadjuvante no conjunto de cenas que pretende valorizar a profissão. Nela, reproduz-se o estereótipo do cientista de laboratório, que não corresponde à realidade e às necessidades da formação docente. Em *Valorização do Professor II*, implicitamente atribuiu-se ao professor a responsabilidade por desenvolver um país, o que nos leva a considerar que se a meta não for atingida, ele será culpado pelo atraso social. Concluímos que, embora não falem de forma direta sobre a responsabilidade do educador nos processos de ensino-aprendizagem, as vídeo-propagandas apresentam a carreira do magistério como profissão valorizada socialmente se gerar progresso social. Contraditoriamente, para atrair novos candidatos à docência, descaracterizam o professor e suas ações. Consideramos relevante analisar os conteúdos de materiais oficiais para repensarmos os meios de valorização do profissional docente gerados pelos órgãos governamentais a fim de uma formação crítica a respeito do papel e imagem do professor frente aos seus alunos a um sistema comandado pela elite social e política.

**Palavras-chave:** Educação. Professor. Imagem. Formação de Professores. Análise de conteúdo. Vídeo-propaganda.

## ABSTRACT

This research deals with the image of the teacher disclosed in official advertising pieces. The objective of this study was to investigate which content on teachers are incorporated into the *Valorização do Professor I* and *II* publicity pieces, released on behalf of the Ministry of Education in 2009. The specific objectives were: to identify the contents present in the advertising pieces, to analyze the image of the teacher transmitted by them. We used as theoretical reference the contributions of Maria Helena Souza Patto (1992, 1996, 2007). A qualitative research of video content content analysis was developed. In *Valorização do Professor I*, the teacher is a co-adjutor in the set of scenes that intends to value the profession. In it, the stereotype of the laboratory scientist is reproduced, which does not correspond to the reality and needs of teacher training. In *Valorização do Professor II*, the teacher was implicitly assigned responsibility for developing a country, which leads us to believe that if the goal is not met, it will be blamed for social backwardness. We conclude that, although they do not speak directly about the educator's responsibility in the teaching-learning processes, video advertising presents the career of the teaching profession as a socially valued profession if it generates social progress. In contrast, in order to attract new teaching candidates, they disproportionate the teacher and his actions. We consider it relevant to analyze the contents of official materials in order to rethink the means of valorization of the teaching profession generated by the governmental organs in order to critically train about the role and image of the teacher before his students to a system commanded by the social and political elite.

**Keywords:** Education. Teacher. Image. Teachers' Formation. Content Analysis. Video advertising.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3. METODOLOGIA.....	27
3.1. Caracterização da pesquisa.....	27
3.2. Procedimentos de coletas de dados.....	28
3.3. Procedimentos de análise de dados.....	29
4. UM CONVITE PARA SER PROFESSOR.....	31
4.1. Descrição dos principais elementos e aspectos das vídeo- propagandas.....	31
4.2. Análise das características dos personagens e dos locais em que eles se encontraram.....	37
4.3. A mensagem falada.....	49
4.4. A mensagem oculta.....	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
6. REFERÊNCIAS.....	59



## 1 INTRODUÇÃO

A educação brasileira, como direito de todos e dever do Estado e da família, deve visar o pleno desenvolvimento da pessoa para a cidadania e trabalho (BRASIL, 1988). Esta pesquisa trata da responsabilização do professor pelos sucessos ou fracassos da educação. Em geral, ao professor é atribuída a meta de ensinar crianças, jovens e adultos que serão construtores de um país. No entanto, ao mesmo tempo em que o professor é visto como salvação de problemas econômicos e sociais, também é tido como culpado pelas dificuldades nos processos de escolarização. Nesse sentido, este estudo apresenta uma análise de conteúdo das vídeos-propagandas divulgadas em nome do Ministério da Educação (MEC) *Valorização do professor I e II* em 2009 e se propõe a discutir as contradições de um sistema que valoriza e, contraditoriamente, desvaloriza esse profissional.

Ao avaliarem a qualidade da educação em nosso país, principalmente no que se refere à alfabetização, a taxa de crianças não alfabetizadas com oito anos de idade, segundo o Plano Nacional de Educação (PNE), em 2012, foi de 15,2%. O mesmo documento mostrou que a qualidade da educação básica nos anos iniciais do ensino fundamental para atingir a média nacional no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) era de 5,0 para os anos iniciais e 4,1 para os anos finais em 2011. As metas indicadoras de qualidade para atingir a média do IDEB no ano de 2021 visam alcançar 6,0 para os anos iniciais e 5,5 para os anos finais do ensino fundamental. Ainda, a taxa de escolarização líquida, ou seja, a população em nível de ensino que coincide com faixa etária em que está matriculada, no ensino médio atingiu também em 2011 as proporções de 51,6%.

Os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014 revelaram que 8,3% da população brasileira de 15 anos ou mais eram analfabetos<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007/2014. Disponível em: <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>. Acesso em: maio. 2016.

A plataforma online intitulada Observatório do PNE, que tem por objetivo monitorar os indicadores referentes ao PNE e suas estratégias, indicou que, em 2015, 27% da população brasileira de 15 a 64 anos estavam na lista de analfabetos funcionais<sup>2</sup>, ou seja, aquele sujeito que sabe ler e escrever, porém não domina o uso da leitura e escrita em sua prática social para desenvolver raciocínios complexos.

Podemos dizer, com base nos dados apresentados, que no Brasil ainda encontram-se graves problemas nos processos de escolarização, especialmente no que se refere à alfabetização, e o professor, peça de significativa relevância para esta pesquisa, tem sido associado a esses resultados.

Ao refletirmos sobre o processo de escolarização, do qual os professores fazem parte, consideramos que este é um sistema de construção coletiva, contínua e permanente para a formação de indivíduos, assim sendo, a escolarização apresenta ao aluno um espaço privilegiado quando transfere conhecimentos, valores e atitudes comportamentais. Dependendo da concepção e da direção que a escola assuma, esta instituição poderá ser um meio para promover violação de direitos ou respeito e luta por sua busca para todos os cidadãos (MOREIRA, 2007 apud OLIVEIRA; BARROS, s/d).

Oliveira (2003) diz que entre os efeitos da escolarização tem-se a instrumentalização do pensamento a partir de tarefas cognitivas que irão levar o sujeito a desenvolver suas competências intelectuais, despertadas pela escola a partir da ação do professor. Referente aos efeitos da escolarização sobre o pensamento, a autora menciona que:

Em termos das relações entre escolarização e desenvolvimento psicológico, podemos afirmar que nas sociedades escolarizadas a passagem pela escola é uma forma primordial de atividade das crianças e jovens e a escola é central nas concepções sobre a periodização do desenvolvimento (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2002 apud OLIVEIRA, 2003, p. 26).

---

<sup>2</sup> Documento disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/9-alfabetizacao-educacao-jovens-adultos/indicadores>. Acesso em: maio. 2016.

Entende-se que estar na escola significa desenvolver-se, tornar-se capaz de alcançar grandes níveis de conhecimentos, hábitos e competências para superar dificuldades e desafios que irão surgir na vida social. Mas, e quando os avanços no processo de escolarização não acontecem? E quando a escrita e a leitura não são adquiridas como prática social por um aluno?

Pode-se considerar a ausência ou a não aquisição das práticas e procedimentos escolares de estudantes como fracasso escolar. Em linhas gerais, o fracasso escolar é um termo usado para se referir a grupos de crianças que não aprendem ou vão mal na escola, alunos que não se apropriam do conhecimento transmitido. Recebem constantemente baixas notas em diferentes disciplinas, não internalizam conceitos científicos, matemáticos, físicos ou linguísticos. Fracasso escolar também se refere às reprovações e aos processos de evasão da escola.

Quando a escolarização não é bem sucedida, muitas vezes procura-se um culpado; tanto a comunidade escolar quanto a sociedade em geral frequentemente voltam o olhar para o aluno, sua família ou o professor, como responsáveis definitivos pelos problemas ou soluções de aprendizagem.

Patto (2002), no entanto, assinala que um fenômeno tão complexo como o fracasso escolar não pode admitir uma explicação linear e única, como a responsabilização do professor. A autora analisou que um dos fatores é a insuficiência de verbas destinadas à educação da escola pública, provocada por má administração por parte do Estado em uma sociedade capitalista, que serve exclusivamente aos interesses do capital.

Ainda, educadores mal pagos são um elo da cadeia de causas cujo resultado final será a má qualidade do ensino oferecido, uma vez que o corpo docente da escola primária é constituído principalmente por mulheres de classe média-baixa que precisam trabalhar para complementar a renda do orçamento doméstico; como donas de casa acabam triplicando a jornada de trabalho. Além da desvalorização profissional presente no sistema educacional, as más condições materiais de trabalho fazem com que essas profissionais desenvolvam estratégias de sobrevivência que conspiram contra a qualidade da educação, como, ter dois empregos, evitar primeiras séries, vistas como as mais trabalhosas, faltar, tirar licenças, entre outros fatores, que distanciam professoras e alunos (PATTO, 1992).

Ao pesquisar sobre as marcas do fracasso escolar, Soares (2004) afirmou que em escolas brasileiras este fenômeno ocorre há muitas décadas, hoje, porém, configura-se de forma inusitada. Anteriormente ele se revelava em avaliações internas à escola, sempre concentrado nas etapas iniciais do ensino, traduzido em altos índices de reprovação, repetência, evasão; atualmente, o fracasso revela-se também em avaliações externas à escola, tanto estaduais, como o Sistema de Avaliação da Rede Estadual de São Paulo (SARESP), o Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE), quanto nacionais, como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e até internacionais, como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA).

As avaliações externas de ensino revelam como a escola pública se traduz em altos índices de precário ou nulo desempenho em provas de leitura, o que denunciam grandes contingentes de alunos não alfabetizados ou semi-alfabetizados depois de quatro, seis, oito anos de escolarização (SOARES, 2004).

Na literatura são descritas diferentes explicações para o fracasso escolar. Algumas centradas no aluno, outras em sua família, desigualdades de oportunidades, há também causas vinculadas ao sistema e às políticas educacionais. Além disso, os motivos também recaem sobre o professor.

No que diz respeito aos professores, Saviani (2009) considera que a formação docente não pode estar dissociada das condições de trabalho, cujo âmbito necessita de melhorias na questão de salários, jornadas, espaços de trabalho, boas formações, pois, tais condições contrárias operam como desestímulo para profissionais já em função e falta de procura por aqueles que poderiam possivelmente ingressar em cursos de licenciatura, especificamente em cursos de pedagogia.

Para garantir uma formação consistente a fim de assegurar condições adequadas de trabalho docente nas universidades, segundo o autor, faz-se necessário prover os recursos financeiros correspondentes. Trata-se, pois, de eleger a educação como máxima prioridade e defini-la como o eixo de um projeto de desenvolvimento nacional que deve ser disponibilizado para todos. Sendo assim:

Aí está, portanto, o grande desafio a ser enfrentado. É preciso acabar com a duplicidade pela qual, ao mesmo tempo em que se proclamam aos quatro ventos as virtudes da educação exaltando sua importância decisiva num tipo de sociedade como esta em que vivemos, classificada como “sociedade do conhecimento”, as políticas predominantes se pautam pela busca da redução de custos, cortando investimentos. Faz-se necessário ajustar as decisões políticas ao discurso imperante (SAVIANI, 2009, p. 153).

Ainda, ao pensar sobre a ação e formação de professores, Patto (1996) analisou que tais treinamentos impostos para mudanças na lógica do sistema educacional precisam ser repensados, pois, nesses cursos geralmente o professor não domina o conteúdo ministrado assim como alguns ministrantes que dele participam também não dominam o que ensinam. Os educadores por vezes frequentam a formação continuada oferecida pelas instituições públicas como obrigação, não por interesse próprio, não desenvolvem uma severa crítica a teorias apresentadas que podem ser nocivas se colocadas em prática de maneira inapropriada.

Carissimi e Trojan (2011) desenvolveram um estudo situado no âmbito das políticas educacionais sobre as condições de formação e trabalho do professor. Tiveram como eixo principal a valorização profissional docente em diferentes países. Neste sentido, trouxeram em suas análises um breve panorama mundial sobre o perfil dos professores, consideraram a formação inicial e continuada, o salário e as condições de trabalho, analisaram dados de pesquisas internacionais que permitiram identificar as tendências adotadas pelas políticas relacionadas ao trabalho docente no Brasil.

As conclusões obtidas por Carissimi e Trojan (2011) permitiram avaliar que a formação inicial docente é uniforme entre todos os países da América Latina, porém é sempre necessário analisar a qualidade dos cursos oferecidos. Assim, concluíram que a valorização docente depende de três elementos: condições de trabalho adequadas, formação de qualidade e um sistema de avaliação que fortaleça a capacidade dos docentes em prática.

Embora o professor seja visto muitas vezes como responsável pelo fracasso do aluno, pelas dificuldades nos processos de escolarização ou por sua má formação, contraditoriamente, surgem propagandas governamentais que supostamente valorizam o trabalho docente.

Esta pesquisa apresenta e analisa o conteúdo das propagandas públicas *Valorização do professor I* e *Valorização do professor II* divulgadas no ano de 2009 em nome do MEC que parecem valorizar os professores ao mesmo tempo em que os responsabiliza pelo desenvolvimento social do país.

Balzan (2014), ao partir de uma análise de discurso francesa, desenvolveu uma investigação crítica da vídeo-propaganda *Valorização do Professor I e II*. A peça *Valorização do professor I* tem a duração de 30 segundos, é classificada como vídeo-fonográfica e foi apresentada em rede nacional aberta no dia 07 de agosto de 2009.

*Valorização do Professor II* ocupa o tempo de 1 minuto e 15 segundos, foi dirigida por Helvécio Ratton (cinegrafista brasileiro), apresentada na TV em 11 de agosto de 2009. Trata-se de duas peças publicitárias governamentais com a finalidade de incentivar e estimular o ingresso de jovens nos cursos de licenciatura, principalmente em pedagogia (BALZAN, 2014).

O objetivo de Balzan (2014) foi analisar o enunciado de professores do curso de pedagogia diante das vídeos-propagandas *Valorização do Professor I e II*. Para isso, partiu de uma entrevista com quatro professores que, após assistirem aos vídeos, responderam perguntas individuais e coletivas sobre quais seriam suas manifestações enunciadas a respeito das publicidades, as respostas foram gravadas e transcritas para leitura e análise.

O enunciado de um dos docentes entrevistados, a respeito do vídeo *Valorização do Professor I*, diz:

E2: Não tem criticidade o programa. Mas o objetivo dele não é ser crítico. O objetivo dele é vender uma ideia. Nesse sentido eu também vendo. Mas achei interessante, achei provocador. É bem interessante essa coisa das pessoas mais interessantes do mundo. Chamou atenção (BALZAN, 2014, p. 17).

Entre as principais conclusões obtidas sobre o discurso dos professores entrevistados, a autora afirma que eles revelaram o teor crítico sobre o mercado comercial e enganoso, pois, escondem a realidade das práticas pedagógicas existentes dentro de uma sala de aula:

Usando planos curtos, rápidos, justapostos e com forte apelo emocional as peças publicitárias “Valorização do professor I e

II” produzem efeitos de sentido sobre a valorização do professor e sobre o magistério idealizados e não revela as dificuldades cotidianas da educação escolar de um país como o nosso mercado, ainda, por tantas e tão profundas desigualdades. (BALZAN, 2014, p. 17).

De acordo com as conclusões de Balzan (2014), os professores pensaram na importância do cotidiano da sala de aula e na complexidade das atividades no processo de aprendizagem, de tal forma que, segundo os participantes da pesquisa, às vídeo-propagandas atribuem-se idealizações que não expressam as dificuldades presentes nas escolas públicas brasileiras.

Considerando as propagandas nacionais que valorizaram o professor em um país que tradicionalmente o desvaloriza, nos perguntamos: **Quais conteúdos sobre professores são incorporados nas peças publicitárias Valorização do Professor I e II divulgadas em nome do Ministério da Educação em 2009?**

Consideramos a hipótese de que as informações ideológicas transmitidas pelas vídeo-propagandas *Valorização do professor I e II* pretendem demonstrar como é atraente, divertido e relevante para o cidadão se tornar um professor, portanto o convite. Logo, não se pode deixar de querer para si uma profissão com tamanha relevância social, como é exposta na publicidade, o que está distante da realidade educacional brasileira.

A respeito da função do professor é possível que as vídeo-propagandas transmitam a ideia de que a importância de seu trabalho é inquestionável e a profissão mereça destaque. Contraditoriamente, em nosso país, o destaque pretendido pelas peças publicitárias parece longe de ser alcançado.

As duas propagandas pretendem marcar a valorização do professor e tornar a profissão respeitada e atraente. No entanto, quando se trata dos sujeitos da nossa educação responsabilizados pelo desenvolvimento nacional:

Tanto a sociedade civil quanto aparelhos estatais pensam e agem como se ignorassem este fato cotidiano mas espantoso: o professor primário é remunerado como se fosse um operário não qualificado. O seu salário nada tem a ver com a importância crucial da sua função pública, que é a de primeiro motor do desenvolvimento, nem merece as ácidas cobranças de eficiência que periodicamente lhe fazem a mesma sociedade e o mesmo estado, que o deixam à míngua (BOSI, 1996, p. 14).

A partir dessas considerações, apresentamos como **objetivo geral** analisar quais conteúdos sobre professores são incorporados nas peças publicitárias *Valorização do Professor I e II* divulgadas em nome do Ministério da Educação em 2009. Como **objetivos específicos** propusemos: a) identificar os conteúdos presentes nas peças publicitárias, b) analisar a imagem do professor transmitida por elas.

O leitor irá encontrar na sequência a descrição do referencial teórico que fundamentou a pesquisa, os procedimentos metodológicos escolhidos para atingir as finalidades propostas, assim como a análise das propagandas e as considerações finais.

Minha motivação para realizar esta pesquisa foi, conhecer e pesquisar de uma forma mais ampla o fracasso escolar e suas características. Minha justificativa para a sociedade foi apresentar com cuidado e atenção conteúdos de materiais oficiais e como interesse para a minha formação tive a finalidade de refletir em linhas gerais o que o governo pensou sobre os professores ao criarem as vídeo-propagandas *Valorização do Professor I e II*.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de compreender o que está sendo dito nas propagandas a respeito do professor é fundamental analisar a produção das explicações sobre o fracasso escolar que têm o docente muitas vezes como responsável. Para atingir essa finalidade, vamos voltar o nosso olhar para os aspectos contidos na Psicologia Escolar Crítica com base nos textos da pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) Maria Helena Souza Patto, reconhecida nacionalmente tanto por psicólogos quanto por educadores por suas investigações acerca da educação pública brasileira, nas quais são definidos os conceitos sobre o fracasso escolar e suas reproduções. Consideramos inicialmente nesta seção as análises do livro *A Produção do Fracasso Escolar – Histórias de Submissão e Rebeldia* (1996), além dos textos *A Família Pobre e a Escola Pública: Anotações Sobre um Desencontro* (1992) e *Escolas cheias, cadeias vazias – Notas sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro* (2007).

Em seu livro, *A Produção do Fracasso Escolar – Histórias de Submissão e Rebeldia*, Patto (1996) apresenta as raízes históricas das concepções sobre este fenômeno presente nas escolas públicas, que é o fracasso escolar, a partir de análises das teorias ideológicas capitalistas, crítico-reprodutivistas, racistas e da teoria da carência cultural. A autora parte também das observações feitas em uma escola de periferia na região oeste da cidade de São Paulo no começo dos anos de 1980 onde foi realizado, além das observações no centro da instituição, um estudo de caso com quatro crianças que sofreram múltiplas reprovações no primeiro ano do ensino fundamental. O objetivo de Patto (1996) foi alcançar um panorama histórico para desvendar os aspectos fundamentais referentes às diferenças de rendimento escolar para crianças de escola pública partindo de estudos sobre suas origens sociais para vislumbrar as ideias sobre pobreza e escolarização (PATTO, 1996).

As críticas da autora são essenciais para nos referenciarmos objetivando avaliar as principais considerações a respeito do professor ao olharmos para as propagandas *Valorização do professor I e II* apresentadas na introdução.

Como Patto (1996) procurou explicar o ponto de vista dominante a respeito do fracasso escolar, traçou em sua pesquisa um caminho histórico para chegar a seus objetivos, apresentou, assim, nos primeiros capítulos de seu livro os processos que deram origem à classe dominante conhecida como burguesia e a classe dominada conhecida como proletária, advindas do modo de economia capitalista a partir das revoluções na Europa Ocidental no século XIX que foram a Revolução Francesa e a Revolução Industrial.

A burguesia formada a partir destas revoluções, em destaque a europeia, procurou compreender as diferenças sociais, justificando que a divisão de classes era advinda de uma aptidão natural ou talento individual que capacitava o sujeito para ser vencedor ou perdedor nas relações sociais de trabalho. Esta justificativa foi pensada para além do ponto de vista dominante ultrapassando, assim, barreiras para se explicar também as diferenças com relação à escolarização de crianças pobres (PATTO, 1996).

No contexto histórico brasileiro, as justificativas dominantes para se explicar e pensar a escola pública encontravam base nos princípios liberais, instituídos pela contemporaneidade e ideal de nacionalidade, em que a igualdade perante a lei foi afirmada como um direito. Porém, Patto (1996) registrou que as atribuições marcadas na Primeira República, instituídas pelo princípio liberal, foram mais uma peça da política burguesa que se formava na época:

Embora o conjunto de princípios que justificaram a instalação deste período fosse de natureza democrática-liberal, sua política tinha um caráter notoriamente autoritário e elitista e suas semelhanças com o Império eram maiores do que um exame pouco atento poderia sugerir (PATTO, 1996, p. 56).

Como nossa política educacional estava apoiada no discurso liberal, dos moldes do pensamento burguês, tal discurso ganhou notoriedade na educação brasileira porque desempenharia nas cidades industriais do país, semelhante ao planejado nos países europeus, que seria a ideologia de igualdade social perante a lei convertida pela aptidão natural, classificando assim os “melhores” para governar e os “piores” para trabalhar nas fábricas, do ponto de vista dominante. O que não ficava explícito era a verdadeira essência das divisões de classes, a desigualdade e falta de justiça, gerada pela seleção e divisão dos

grupos que tinha como base fundamental o pensamento dominante liberal, a existência de indivíduos aptos ou não aptos para o trabalho e também aptos ou não para aprender, assim sendo:

Os ideólogos da burguesia afirmavam a existência dos que nascem para pensar, que se dedicam ao trabalho intelectual, e dos que nascem para agir, talhados para o trabalho braçal, supostamente menor, o que justificava seu baixo valor de troca no mercado de trabalho (PATTO, 1992, p. 109-110).

Os ideais liberais que afirmavam o direito à igualdade, difundidos entre os intelectuais e burgueses, não sofriam nenhum tipo de crítica, ficavam somente no plano teórico da legislação e não se traduziam nas políticas para mudanças sociais concretas. O movimento da Escola Nova influenciado pelos burgueses liberais caracterizou uma época em que as reformas em educação ocorriam no país, contudo, as oportunidades para a população pobre eram pequenas (PATTO, 1996).

Não demorou muito para os sistemas educacionais e intelectuais brasileiros reproduzirem com fidelidade as ideologias a respeito das diferenças do ponto de vista dominante. No período republicano, o modo de se pensar os problemas da educação seguiam duas vertentes de pesquisas, baseado nas teorias escolanovistas: a pedagogia da Escola Nova, que localizava as causas de dificuldades de aprendizagem nas crianças tendo em vista suas características físicas, psicológicas e sociais, e a nova concepção de infância que reconhecia a criança como o centro, em sua totalidade psicológica, tendo como referência a teoria piagetiana (PATTO, 1996).

Os adeptos da Escola Nova preocupavam-se com o indivíduo no processo de aprendizagem observando sua capacidade individual, pois, como defendiam a aptidão natural, atribuíam facilidade à tarefa pedagógica que tinha como objetivo atingir no sujeito suas potencialidades humanas a partir de um conhecimento inato, ou, que acompanhasse a ordem natural de desenvolvimento do sujeito. A pedagogia nova ganhava cada vez mais destaque nos espaços e instituições de ensino, inclusive nas produções de artigos científicos, afirmando que havia crianças aptas e não aptas para aprender (PATTO, 1996).

A marca liberal, o pensamento dominante e escolanovista tinham a mesma ideologia a respeito dos problemas de escolarização para a criança da escola pública, alguns deles eram encontrados nas publicações de artigos científicos, inseridos nos cadernos do Ministério da Educação (MEC) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), encontravam-se também nas publicações da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP). O levantamento dos artigos da revista que se referiam ao fracasso escolar levou a seleção de vinte e três artigos e dois números especiais distribuídos no período de 1945 a abril de 1984 pela autora (PATTO, 1996).

No que diz respeito ao papel do professor dentro dos moldes liberais, Cardoso (1949 apud PATTO, 1996) afirmou para a RBEP que a calamidade da escola brasileira se dava a partir de fatores pedagógicos, sociais, médicos e psicológicos vindos das crianças. Dois deles chamam a atenção: sobre os fatores pedagógicos, foi afirmado que as próprias instituições eram responsáveis por provocar dificuldades aos escolares devido à má qualidade do corpo docente, quando selecionavam professores sem vocação ou dom para a profissão. Além disso, destinavam também professoras sem experiências ou motivação para as turmas de primeiro ano em séries de alfabetização, tidas como as mais difíceis.

As colocações baseadas em ideais escolanovistas de Cardoso (1949 apud PATTO, 1996) contribuíram com as marcas liberais e com o pensamento burguês, uma vez que aconselhavam os professores a agir da seguinte forma: atividades de sala deviam se adaptar às capacidades da criança e não a criança se adaptar às atividades porque, partindo dos princípios liberais haviam limitações advindas dos próprios alunos. Assim, o professor devia levar em conta os saberes das crianças analisando seu contexto cultural e social (PATTO, 1996).

Sobre os fatores sociais como causas para o fracasso escolar, teve-se por Cardoso (1949 apud PATTO, 1996) que as principais causas para os problemas de escolarização dos alunos de escola pública estavam contraditoriamente localizadas no aluno, se pelos fatores pedagógicos era pela seleção de professores sem experiência, sequencialmente os fatores sociais apresentavam que o problema na escola era responsabilidade da família ou vinculavam-se ao ambiente social da criança. Dessa maneira, o olhar

preconceituoso e estereotipado que se tinha a respeito dos alunos das classes baixas afirmado pela burguesia liberal, que via o sujeito pobre como o menos capaz, marcou presença na RBEP a fim de explicar os problemas de escolarização no cenário brasileiro (PATTO, 1996).

Ainda a respeito dos dizeres da revista sobre os professores, apontados pela autora, Renault (1953 apud PATTO, 1996) afirmou na RBEP que os alunos definiam a qualidade do estudo, pois, ao serem ruins contribuía para professores piores, despreparados em níveis de conteúdos. Os mestres deveriam, assim, agir com todo rigor e critério nos processos de aprovação e seleção, tendo em vista que: “[...] é enorme a responsabilidade do professor” (RENAULT, 1953 apud PATTO, 1996, p. 91) quando se tratasse da má qualidade de ensino.

Como a escola pública era vista como uma instituição organizada pela classe média que possuía padrões culturais diversos se comparados aos padrões adquiridos pelos alunos pobres, segundo o pensamento burguês, os professores foram considerados vítimas de seus alunos, porque, advindos da classe média não constituíam relacionamentos com alunos de periferia, assim, não possuiriam o preparo necessário para lidar com a cultura nascida da classe baixa, reflexão esta que ganhou corpo até mesmo para a elaboração de guias curriculares. Em outras palavras, Patto (1996, p. 98) citou que:

Dessa forma, voltava à cena a figura da professora primária, agora não tanto como portadora de um despreparo técnico decorrente de uma má formação pedagógica inadequada, mas principalmente como profissional despreparada para ensinar a criança carente, sobretudo em função da sua origem social.

Como era um assunto constante na revista, Patto (1996) afirmou que cada vez mais as causas do fracasso escolar estavam centralizadas no aluno, quando não, no professor desprovido de preparo para lidar com crianças carentes. Os intelectuais burgueses defendiam que o sujeito pobre, vítima da desigualdade social, era limitado ao ensino, porque, teoricamente, suas características biológicas, marcadas por fatores físicos, sensoriais, cognitivos, intelectuais e até emocionais, eram responsáveis por formar nele uma deficiência para o desenvolvimento psicológico que, portanto, limitava-o para

aprender a ler e escrever estando esse sujeito submisso às dificuldades no processo de escolarização (PATTO, 1996).

Outra teoria mencionada por Patto (1992, 1996) citada também no artigo *A Família Pobre e a Escola Pública: Anotações Sobre um Desencontro*, que sustentou escritores burgueses a respeito da desigualdade de classe para além dos ideais liberais, foi a teoria da carência cultural, que partiu da psicologia educacional norte americana nos anos sessenta e setenta do século XX. Afirmava que indivíduos pobres possuíam deficiências físicas e psíquicas contraídas em seu ambiente de origem, tidos como lugares insuficientes para propor educação.

A teoria da carência cultural ganhou lugar nas ideologias das publicações brasileiras, surgindo para explicar as desigualdades sociais, considerava a existência de culturas inferiores e superiores, estando os mais pobres inseridos nos grupos familiares mais problemáticos, acabariam assim por reproduzir as condições que resultariam em hábitos e práticas indicativas de atraso social. A escola devia, juntamente com o professor, formar cidadãos conformados com o lugar de estrutura social a qual o aluno viesse a pertencer; para os pensadores desta teoria as pessoas eram diferentes, por isso deviam ocupar na sociedade posições diferentes (PATTO, 1996).

Além desta teve-se também a crítico-reprodutivista, que foi elaborada nas ideias de Althusser (1974 apud PATTO, 1996) e Bourdieu (1974 apud PATTO, 1996), eles denunciavam que a escola funcionava como um Aparelho Ideológico do Estado (AIE), por isso, ela tinha a função de defender a dominação cultural em uma sociedade de classes, o que faria do sistema de ensino instrumento da manutenção do capital. Assim, a escola sendo um AIE reproduzia o modos de produções capitalistas que davam aos professores o papel de trabalhar para manter a ordem e segregação dos grupos da sociedade, embaçando a visão de exploração a partir de conteúdos, linguagens e ensinamentos ideológicos a serviço dos detentores de poder hegemônico. (PATTO,1996).

A teoria crítico-reprodutivistas não avançou em uma questão, para ela as diferenças culturais eram atribuídas às condições de vida de um grupo, logo, diferentes condições de vida levavam a valores diferentes dentro de um mesmo contexto social.

E ainda, duas características para alunos de periferia foram fundamentadas por ideais crítico-reprodutivistas ao se pensar a escola brasileira, influenciadas por pesquisas norte-americanas: a primeira, afirmava que alunos de escolas periféricas eram rebeldes, mal criados, carentes, sujos, famintos, doentes e ladrões; suas famílias seriam desinteressadas, ignorantes e desestruturadas. A segunda característica via o aluno da periferia como distante dos padrões considerados perfeitos para ser ensinado, pois, tendo em vista suas condições sociais e culturais, não ser limpo, disciplinado e inteligente, era sinônimo de não possuir uma família estruturada e interessada na educação e criação dos filhos. A teoria da carência cultural e a teoria crítico-reprodutivista foram distintas e marcaram vez na literatura educacional estrangeira e nacional nos anos setenta (PATTO, 2006).

A respeito dos mitos encontrados nas teorias e reproduzidos por professores e instituições escolares, Patto (1992) avaliou também que a visão preconceituosa e negativa dos alunos é constante, visto que suas pesquisas afirmaram que há professores que taxam seus alunos de burros, preguiçosos, imaturos, nervosos, baderneiros, agressivos, deficientes, lentos, enfim, múltiplas expressões de cunho preconceituoso até mesmo quando voltados para os pais, tidos como adultos irresponsáveis, violentos, entre outros. Neste contexto, a escola e seus profissionais, ao invés de romperem, podem contribuir para a valorização e generalização dos estereótipos contra alunos pobres.

Patto (2007) considerou também que a continuidade dos mitos sobre o povo e sobre a função social da escola como reprodutora das formas de pensar do sistema capitalista é prova impressionante da força do preconceito que resiste ao conhecimento alcançado a respeito da complexidade das determinantes de condutas da população de pobres e negros.

Voltamos à República Velha para entender o artigo de Patto (2007) *Escolas cheias, cadeias vazias – Notas sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro* em que analisou a semelhança entre as teorias já mencionadas com os pareceres de Rui Barbosa, em 1889. Ele foi autor do primeiro projeto de reforma geral da educação escolar nacional influenciado pelas tendências europeias e norte-americanas; seu projeto era composto de ideologias que agregavam à escola o papel de instituição social

de controle contra a criminalidade, onde o professor teria a função direta de garantir este fim.

Rui Barbosa apresentou ao parlamento brasileiro o parecer que expôs fundamentos teóricos e práticos de um novo projeto de reforma do ensino primário, secundário e superior com a finalidade de colocar a educação brasileira no rumo científico liberal. Sua contribuição assumia aspectos ideológicos a respeito da escola pública. O autor defendia a presença do Estado na educação, considerando-a um meio de promover a segurança, o poder nacional e progresso econômico, pois, para isso, a formação do trabalhador fazia-se necessária na medida em que os sistemas financeiros eram preenchidos por mão de obra proletária (PATTO, 2007).

Nos pareceres de Rui Barbosa a escola era vista como a instituição que tinha por finalidade garantir a ordem social, a partir da disciplina e da capacitação de trabalho para a maioria da população, pois, financiamento em educação significava redução de gastos com segurança. Neste sentido, o papel da escola também era criar condições que evitassem a revolução contra o sistema capitalista, dessa forma, devia a escola tornar o sujeito acomodado em sua pobreza, destinando-o para o trabalho. As funções atribuídas à escola, como o controle da criminalidade, estavam a cargo dos professores (PATTO, 2007).

O projeto estava tão elaborado que Rui Barbosa pensou até mesmo nas matérias escolares que deveriam conservar a ordem: o ensino de história deveria ser limitado quanto às questões políticas, a instrução moral devia propor o incentivo aos meninos para o trabalho, obediência à lei e amor à pátria, pois, para o autor do projeto, ensinar a ler e escrever sem educação moral nacionalista era uma atitude nociva que poderia levar à desobediência civil. Os alunos deviam ser controlados de tal maneira para se tornarem submissos, portanto, era necessário o domínio dos corpos sem que se percebesse, por isso, ginásticas e exercícios militares ganharam vez nos pareceres, pois, eram vistos como preciosos elementos para gerar ordem, regularidade e disciplina, assim não faltavam ideias para inclusão de técnicas para o controle de conduta (PATTO, 2007).

Para o criador dos pareceres, a obrigatoriedade do ensino era imprescindível, pois, pretendia-se reduzir a criminalidade, neste caso, a



frequência escolar deveria ser controlada a ponto de ser imposta. Para tal imposição, os professores e instituições deveriam exercer esta tarefa:

Muitos foram convocados a exercer tarefas que garantissem o controle pelos governantes do cumprimento pelos professores e pelo povo da obrigação escolar: juizes, inspetores de quarteirão, párocos, carteiros, jornalistas e educadores. Aos mestres omissos, previu penas crescentes, até a perda do emprego, aos pais resistentes, vários níveis de castigo, até a detenção (PATTO, 2007, p. 253).

O pensamento dos pareceres de Rui Barbosa previa proteção aos bens materiais da classe burguesa, tanto que concluía: “Antes assalariar o mestre-escola do que o oficial de polícia; este protege a minha fazenda; o outro ensina a respeitá-la” (BARBOSA, 1947, X (I), p. 163-164 apud PATTO, 2007, p. 254).

Apesar de todas as atribuições terem agradado até mesmo o antigo imperador, Patto (2007) explicou que o projeto de Rui Barbosa foi uma proposta que não vingou e foi arquivado, porém, a ideologia do projeto está muitas vezes mascarada nos discursos políticos atuais, identificável nos bordões de propaganda eleitoral feita por dois candidatos a deputado federal em outubro de 2006 que resumiram como precisão a alma do negócio: “[...] uma sala de aula a mais, uma cela a menos” (PATTO, 2007, p. 244).

O que todas as teorias citadas e o Projeto Rui Barbosa tinham em comum: o conjunto de pesquisas educacionais voltados para soluções de problemas na escolarização pública, finalidade de manter o domínio da classe burguesa, destaque na literatura nacional e estrangeira, não apontavam os fatores intra-escolares (coordenação, direção, sistemas escolares, etc.) como causas para o fracasso escolar, combinavam em dizer que o fracasso escolar estava cada vez mais centralizado na criança, eram identificadas como pesquisas que possuíam uma verdade inquestionável e ainda afirmavam que o professor devia adequar o ensino ao estudante, por não ter em sala o aluno ideal, pois:

É importante notar que se nos anos de predomínio da teoria da deficiência cultural os aspectos intra-escolares receberam pouca atenção, e se na vigência da teoria da diferença cultural a responsabilidade da escola pelo fracasso ficou limitada à sua inadequação à clientela, à medida que as pesquisas vão

desvendando mais criticamente aspectos da estrutura e do funcionamento do sistema escolar, ao invés da tendência a atribuir à clientela as causas do fracasso escolar ter sido superada, ela foi apenas acrescida de considerações sobre a má qualidade do ensino que se oferece a essas crianças (PATTO, 1996, p. 120).

Assim, os estereótipos e preconceitos foram constantemente reproduzidos e considerados por todo um sistema educacional e político, Patto (1992) analisou que os determinantes da má qualidade eram explicados a partir de fundamentações encontradas nas teorias racistas científicas (PATTO, 1992).

Quando considerou a posição dos professores a respeito dos problemas de escolarização, Patto (1996) concluiu que eles não entendiam ou discriminavam alunos de classe baixa por causa da pouca sensibilidade e grande falta de conhecimento a respeito de seus padrões culturais, o desconhecimento a respeito das crianças e seus meios sociais se tornaram fontes generalizadas na medida em que os preconceitos não eram jamais inquestionáveis.

O que chamou a atenção máxima para as conclusões de Patto (1996) é que quando os professores em ação se encontram com publicações científicas (como os artigos da RBEP), a fim de corrigir ou acrescentar conceitos acadêmicos à sua formação, podem se deparar com os estereótipos, o que irá contribuir para a perpetuação do desconhecimento daquilo que se quer conhecer, pois, ao invés de auxiliar para uma formação eficaz, os dizeres de determinadas concepções teóricas podem provocar ainda mais a falta de sensibilidade, portanto:

Cabe perguntar se muitos dos equívocos dos professores a respeito da clientela não resultam do contato com textos que, a título de formá-los ou de sanar suas deficiências de formação, podem estar confundindo-os ainda mais sua alegada falta de sensibilidade (PATTO, 1996, p. 125).

Entretanto, não podemos responsabilizar os professores pela má qualidade do ensino da escola pública fundamental, ou pela falta de seu conhecimento, uma vez que eles são, muitas vezes, produtos de uma formação sem eficácia, sendo, portanto, porta-vozes da burocracia educacional que

possui a visão de mundo da classe hegemônica. Vítimas sim, de uma política burocrática e tecnicista (PATTO, 1992).

Visto que, para Patto (1992), a produção do fracasso escolar tem suas causas centradas na política e nos interesses burgueses, quando a insuficiência de verbas destinadas à educação passa pelo desgoverno, tendo em vista que o Estado não está a serviço dos anseios da população; em um sistema capitalista os objetivos das classes são incompatíveis, os professores por sua vez, mal pagos, formam o início de uma cadeia de fatos que terá o resultado na má qualidade do ensino oferecido.

Entre a cadeia de fatos menciona-se que as principais características do corpo docente da escola pública fundamental são, em sua maioria, profissionais mulheres, de classe média e baixa, que trabalham para auxiliar no orçamento doméstico, com triplas jornadas de trabalho (fora e dentro de casa) carregam também a desvalorização do seu trabalho pedagógico (PATTO, 1992).

Não podemos deixar de mencionar que, sem tempo para estudar ou informar-se, muitas professoras ainda convivem com condições precárias de trabalho, falta de materiais didáticos e funcionários, jornadas longas de trabalho. Em sala de aula, muitas vezes sem vínculos de afeto com a profissão, insatisfeitas e desgastadas, rotulam alunos como fortes, fracos, médios, ensinam de modo automático, criam rituais sem significados para a criança, gastam tempo controlando-as com agressões físicas e verbais, atribuem a causa de todo mal que as cercam à turma, supostamente aos alunos (PATTO, 1992).

Assim sendo, a escola voltada para os interesses de seu corpo discente só será possível à medida que os educadores tiverem uma formação profissional de melhor nível. Por formação profissional entende-se o desenvolvimento da formação intelectual como instrumento de reflexão crítica a respeito da escola e da ação pedagógica. Para escapar dos tradicionais paradigmas tecnicistas não existe um caminho fácil:

[...] não é uma técnica mais uma conversão. Por isso a formação do magistério precisa sair das mãos de cursos particulares e públicos de péssima qualidade e ser entregue as

universidades públicas e particulares de comprovada competência (BOSI, 1992 apud PATTO, 1992, p. 120).

Saviani (2009) afirma que não se pode desconsiderar as condições de trabalho da carreira docente no que diz respeito ao salário e jornada de trabalho de professores, para ambos faz-se necessário recursos financeiros correspondentes. O autor estabelece um caminho para um sistema equipado por professores, alunos e Estado satisfeitos, ele chama esse caminho de círculo virtuoso do desenvolvimento onde uma educação de qualidade se daria inicialmente com a valorização salarial e profissional do mestre.

Portanto, antes de valorizar o docente é preciso resgatar a escola como instituição de ensino capaz de oferecer ao cidadão o direito ao letramento e ao saber, para isso é necessário que a revalorização dos professores seja pensada na questão referente aos salários, formação e participação nas decisões que irão afetar o seu trabalho. As opções viáveis para medidas justas devem partir do plano político, pois é nele que ocorrem as maiores e mais repercussivas decisões sendo educacionais ou não, deve-se ter em pensamento que quantidade não significa qualidade em se tratando de política educacional, deve-se ter em ação ministros e secretários da educação com formações compatíveis com o cargo, deve-se construir um novo conceito de história que corresponda às verdades, deve-se libertar os interesses político-partidários da política educacional, sem ao menos isso não nos restará outras opções a não ser “[...] continuarmos presas ao poder do atraso” (PATTO, 2007, p. 263).

Consideramos que as visões de Patto (1992, 1996, 2007) nos levaram a refletir e fundamentar nossa pesquisa em pontos significativos, que dizem respeito ao professor em seu cenário de sujeito responsabilizado pela escolarização, o que contribui ricamente para a busca dos objetivos e confirmação da problemática que deu base a este trabalho a fim de vislumbrarmos os dizeres das propagandas que analisamos.

### 3 METODOLOGIA

Com o **objetivo geral** de investigar quais conteúdos sobre professores são incorporados nas peças publicitárias *Valorização do Professor I e II*, divulgadas em nome do Ministério da Educação em 2009, e com os **objetivos específicos** de a) identificar os conteúdos presentes nas peças publicitárias, b) analisar a imagem do professor transmitida por elas, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de análise de conteúdo.

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

Segundo Lüdke e André (2013), entende-se por qualitativa a pesquisa que considera as relações naturais como fonte direta de dados onde o pesquisador é parte do instrumento de estudo, pois, as condições particulares de determinado objeto serão essenciais para que o pesquisador compreenda o contexto em que se inserem as situações encontradas. Dessa forma,

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 14).

Para atingir os objetivos propostos optamos pela pesquisa qualitativa, porque investigamos as relações complexas sobre a imagem do professor que não estão aparentes na propaganda, além disso, tivemos a preocupação de contextualizá-las, a fim de estabelecer relações entre elas e os motivos de sua criação, considerando seus diferentes contextos, como o social e o político, por exemplo.

De acordo com Lüdke e André (2013), é característica da pesquisa qualitativa, dados predominantemente descritivos e captura da perspectiva dos participantes, estas, aplicaram-se ao nosso trabalho, de forma que nos atentamos para o maior número de elementos que contribuíssem para descrever as vídeos-propagandas, e verificamos as particularidades

inacessíveis ao observador externo sobre as situações existentes no material no que diz respeito aos personagens.

Consideramos análise de conteúdo o conjunto de técnicas de análise de comunicações para explicar ou sistematizar o assunto de uma mensagem encontrada em determinado material de pesquisa. A análise pode ser feita a partir de deduções lógicas ou justificadas, por meio do contexto dos efeitos da mensagem (OLIVEIRA et al, 2003).

A análise de conteúdo contempla leitura do material a fim de definir a unidade de registro que poderá se constituir por palavras, conjunto de palavras, temas que guiarão o pesquisador na busca de informações contidas no documento (OLIVEIRA et al, 2003).

A partir das características da análise de conteúdo como organização do material de trabalho, definição das unidades de registro e definição das categorias, estabelecemos a seguinte unidade de registro para esta pesquisa: *a palavra professor e o tema valorização do professor.*

A organização do material de trabalho se deu a partir da manipulação de nosso objeto de estudo (propagandas) e de todas as leituras reunidas de nosso referencial teórico. Optamos pela análise de conteúdo por ser uma técnica viável para a identificação e significação dos materiais encontrados. Sobre suas características tem-se:

A análise de conteúdo desenvolve um arcabouço formal para a sistematização de atributos qualitativos, e no momento de interpretar os dados coletados que se dá o entrelaçamento da pesquisa em educação com a análise de conteúdo (OLIVEIRA et al, 2003, p. 5).

### **3.2 Procedimentos de coleta de dados**

Os materiais coletados para esta pesquisa foram os vídeos em si, retomemos algumas considerações gerais sobre as duas propagandas. Segundo Balzan (2014), ambas foram classificadas como vídeo-fonográficas, produzidas pela agência Link Comunicação e Propaganda a serviço do Ministério da Educação em 2009. A finalidade dos vídeos foi incentivar o ingresso de jovens nos cursos de licenciatura com o uso da temática: valorização do professor de magistério.

*Valorização do Professor I* é uma peça publicitária de 30 segundos dirigida por Toni Venturini que teve sua transmissão em TV aberta no dia 7 de agosto de 2009 (BALZAN, 2014).

A propaganda *Valorização do Professor II* foi dirigida por Helvécio Ratton, teve a duração de 1 minuto e 15 segundos com a data de transmissão em TV aberta no dia 31 de agosto de 2009 (BALZAN, 2014).

### **3.3 Procedimentos de análise de dados**

As peças publicitárias se apoiaram na ação do professor de modo que o docente tem o centro das atenções no que diz respeito a linguagens faladas e visuais, significativamente para atrair os sujeitos para a profissão.

Para analisar os conteúdos transmitidos nas propagandas utilizamos como referência teórica os estudos de Patto (1992, 1996, 2007), porque suas produções se voltam para a análise do cotidiano nos espaços escolares, especialmente nos processos de escolarização e fracasso escolar. Sendo o professor visto geralmente como aquele capaz de promover a aprendizagem ou como o culpado pelo fracasso, tornou-se importante analisar em que medida a propaganda pode se vincular a uma possível caracterização do professor como responsável único pela salvação da escola ou aluno.

A pesquisa em análise de conteúdo exige o trabalho com categorias que abrangem elementos com características comuns ou que se relacionam entre si, são empregadas para estabelecer classificações e agrupar a pesquisa em um único conceito chave, nosso conceito chave foi a palavra professor (GOMES et al, 2001).

Para analisar o conteúdo das vídeo-propagandas organizamos as categorias, não são categorias prévias, mas são categorias *A posteriori*, ou seja, após a realização das leituras: a) caracterização dos personagens e dos ambientes; b) mensagem falada e mensagem oculta (para analisarmos a imagem do professor) e c) emissores e receptores dos vídeos (para analisarmos a imagem do professor).

As análises foram desenvolvidas após diferentes leituras dos materiais, que foram feitas para identificar, compreender e interpretar os elementos, mensagens e linguagens audiovisuais, cinematográficas e narrativas

produzidas nos vídeos a fim de respondermos as demandas do problema de pesquisa.

Portanto, fez-se necessário uma articulação dos dados obtidos ao longo da pesquisa com o proposto em nossos objetivos, considerando os principais aspectos para uma análise que são: estabelecimento de uma compreensão dos dados coletados, confirmação das questões formuladas e ampliação do assunto estudado para articulação do contexto cultural em que fazemos parte (GOMES, 1994 apud MINAYO, 1992).



## **4 UM CONVITE PARA SER PROFESSOR**

Investigar quais conteúdos sobre professores são incorporados nas peças publicitárias *Valorização do Professor I e II* divulgadas em nome do MEC em 2009 foi nosso maior objetivo, a fim de identificar quais conteúdos e imagens do professor se fizeram presentes.

Serão apresentadas nesta seção análises dos vídeos em destaque, considerando algumas categorias: descrição dos elementos das vídeo-propagandas, características dos personagens e dos locais que as compõem, reflexões sobre a mensagem falada seguida da mensagem oculta e, por fim, considerações a respeito do emissor e do receptor.

### **4.1 Descrição dos principais elementos e aspectos das vídeo-propagandas**

No anúncio, *Valorização do Professor I*, jovens e professores estão em ambiente escolar, ambos, cena a cena sorridentes, enquanto uma voz masculina faz a narração das imagens apresentadas. Inicialmente os relances dão vezes a cenas no pátio da instituição onde alunos se deslocam enquanto conversam entre si de forma lenta para as salas de aula. Em sequência aulas em laboratório de química dão breves passagens nas cenas, porque, logo as imagens se voltam para o pátio da escola, onde há alunos que se divertem com a brincadeira dança da cadeira. Novamente na sala de laboratório químico a cena centralizada é para uma jovem estudante que, enquanto avalia o material do laboratório, resplandece uma aparência de quem está diante de um grande ponto de interrogação.

A cena a seguir se volta para o laboratório de informática, enquanto usam o computador, os alunos sorriem e conversam entre si. Novamente as cenas retornam para o laboratório de química, onde um dos estudantes faz o uso do microscópio enquanto as amigas ao lado conversam. A sala de aula é a próxima cena de relance, nela alunas assistem à aula em carteiras enfileiradas. O laboratório de química recebe brevemente outro destaque antes das cenas finais. No pátio da instituição, os jovens estudantes se abraçam alegremente enquanto olham para a câmera, duas professoras recebem o foco central

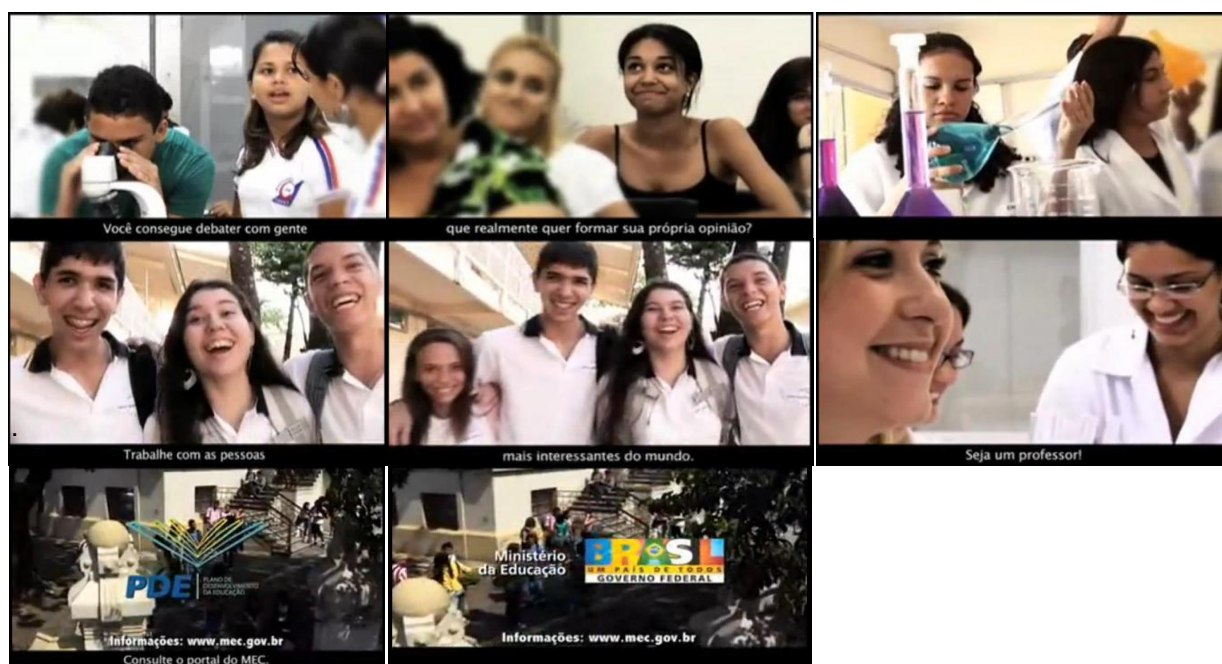
enquanto a narração feita por uma voz feminina orienta os receptores a buscarem maiores informações no site do Ministério da Educação (MEC). Enquanto o endereço eletrônico é projetado, as cenas com os estudantes em movimento no pátio da instituição ficam fora do foco porque os ícones do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), MEC e Governo Federal aparecem com nitidez. A finalidade da vídeo-propaganda foi incentivar o ingresso de jovens nos cursos de licenciatura (BALZAN, 2014).

**Figura 1.** Seleção de frames das cenas iniciais de *Valorização do Professor I*.



Fonte: Balzan (2014).

**Figura 2.** Seleção de frames das cenas finais de *Valorização do professor I*.



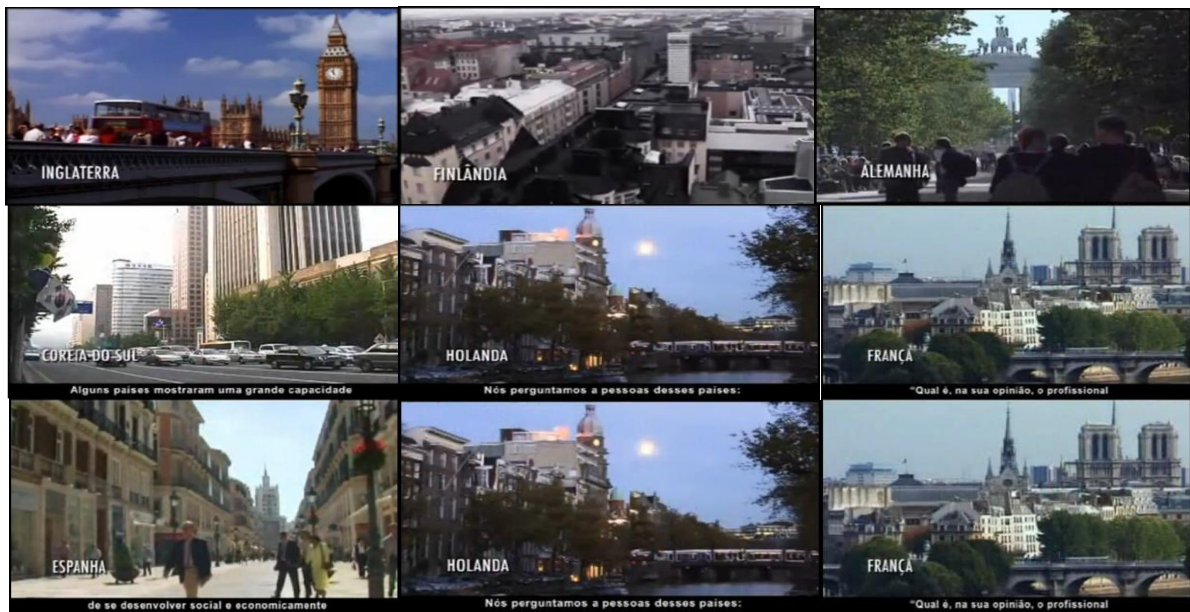
Fonte: Balzan (2014).

O anúncio de *Valorização do Professor II* é iniciado com breves cenas de sete países: Inglaterra (Londres), Finlândia (Helsinki), Alemanha (Berlin), Coréia Do Sul (Seul), Espanha (Madri), Holanda (Amsterdã) e França (Paris). Alguns deles contêm grande movimentação de pessoas e veículos enquanto a narração ocorre. Após apresentados, sete pessoas pertencentes aos referidos países respondem em língua de origem a pergunta feita pelo narrador: Qual é, na sua opinião, o profissional responsável pelo desenvolvimento? Essas pessoas, quatro homens e três mulheres, respondem de forma imediata e a tradução aparece no rodapé das cenas: o professor.

Em sequência aparece uma personagem que representa a professora, uma jovem mulher, negra, magra, que fala aos telespectadores enquanto caminha em direção aos seus alunos (crianças) que se encontram à esquerda da professora, sentados nos degraus da escada de uma escola. A professora sorri enquanto fala, em um dos braços carrega materiais escolares. Ao término do diálogo vira-se em direção a seus alunos e os conduz para subirem as escadas a fim de entrarem para a instituição, a ponto de ficarem totalmente de costas para a câmara.

As cenas finais da propaganda *Valorização do Professor II* foram marcadas por uma voz feminina que orienta os receptores a informarem-se sobre a profissão no site do MEC enquanto o endereço eletrônico é projetado. Os personagens, professora e alunos, ficam fora do foco porque os ícones do PDE, MEC e Governo Federal ganham destaque. A finalidade geral desta vídeo-propaganda foi incentivar o ingresso de jovens nos cursos de licenciatura, especialmente, nos cursos de pedagogia (BALZAN, 2014).

**Figura 3.** Seleção de frames de *Valorização do Professor II* – Cenas iniciais com apresentação dos países.



Fonte: Balzan (2014).

**Figura 4.** Seleção de frames de *Valorização do Professor II* com cenas das pessoas entrevistadas.



Fonte: Balzan (2014).

**Figura 5.** Seleção de frames de *Valorização do Professor II com professora e turma.*



**Fonte:** Balzan (2014).

Após a descrição das peças publicitárias, apresentamos as principais atribuições do governo da época no que diz respeito a medidas voltadas para a educação em 2009, ano que foram lançadas as propagandas.

Tínhamos a cargo o presidente Luís Inácio Lula da Silva em seu segundo mandato que havia se iniciado em 2007 até 2011 e Fernando Haddad como ministro da Educação. Para nossa análise tivemos o cuidado de olhar para os programas voltados para a educação antes e depois do ano em que as propagandas foram lançadas.

Segundo Saviani (2007), o Plano Nacional de Educação (PNE) foi aprovado pelo Conselho Nacional em janeiro de 2001 no final do governo de Fernando Henrique Cardoso, do qual se manteve em vigência no primeiro mandato do governo Lula.

O PNE passou por ementas no ano de 2009 e encontra-se definido na Constituição como um plano decenal, que possui estruturas, metas e diretrizes para assegurar o desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas, a fim de erradicar o analfabetismo, universalizar e melhorar o ensino, formar para o trabalho, promover o desenvolvimento humanístico, científico e

tecnológico do país e, ainda, aplicar os recursos públicos em educação com proporções do PIB (BRASIL, 1988).

Porém, segundo Saviani (2007), o compromisso Todos Pela Educação foi lançado em 2006 e se constitui de iniciativas da sociedade civil e grupos de empresas com representantes e patrocínios para contribuir com cinco metas visando à mobilização social pela melhoria de qualidade da educação básica, entre os representantes tem-se, Grupo Gerdau, Fundação Itaú-social, Fundação Roberto Marinho, Instituto Ayrton Senna, Banco Santander, entre outros.

Cabe mencionar que, em 24 de abril de 2007, foi lançado pelo MEC o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) com a finalidade de garantir a qualidade de ensino no país; teve recepção favorável pela opinião pública e com ampla divulgação da imprensa. O PDE não é um plano propriamente dito, mas trata-se de um conjunto de ações sobre educação básica, questões docentes, medidas de apoio e infraestrutura, recursos, constituídas por programas como, Transporte Escolar, Luz para Todos, Saúde nas Escolas e outros, voltados para os níveis e modalidades do ensino, para a manutenção e desenvolvimento do ensino assegurado pela União. (SAVIANI, 2007).

Entre os diversos programas que resultaram em ações do PDE, mencionamos o Piso do Magistério que consiste nos cursos de formação inicial e continuada aos professores da educação básica, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), Provinha Brasil, Transporte Escolar, Luz Para Todos, Saúde nas Escolas, Guias de Tecnologias, Mais Educação, Dinheiro Direito na Escola, Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), Programa Universidade Para Todos (PROUNI), Professor Equivalente, entre outros (SAVIANI, 2007).

O PDE instituiu parcerias constituídas por reuniões e dezenas de programas traduzidos em compromissos da União com estados e municípios no sentido de desenvolver uma unidade na busca de uma nota 6 para o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), lançado também no mesmo ano (2007) para medir o desempenho do sistema em uma escala de zero a dez na obtenção de melhorias na qualidade educacional (OLIVEIRA, 2009). As ações previstas no PDE se relacionam a algumas metas do PNE, porém ambos são singulares.

Entretanto, no início de 2009, o que marcou o país foi a crise econômica internacional americana, ao afetar o Brasil, a crise atingiu seu maior ponto de impacto quando rompeu com a dívida ativa para o comércio exterior, queda da produção industrial e desemprego. As respostas do governo brasileiro ao Banco Central foram adequadas ao momento, incluiu-se a redução de depósitos compulsórios, a extensão de crédito ao setor bancário, atuação na frente cambial de comércio exterior com redução de juros, promessas para aumento do salário mínimo, muito pouco acréscimo nos investimentos em infraestrutura, falta de alívio na carga fiscal da população, aumento de dívidas em bancos públicos e empréstimos foram algumas das pretensões do governo para a quebra das pressões inflacionárias, o que se valeu para que o país se ajustasse às condições de interesse dos mercados internacionais (ALMEIDA, 2009).

Sem mencionar a crise, a Conferência Nacional de Educação (CONAE) ocorrida inicialmente pelos conselhos de educação estaduais e municipais no final de 2009 e início de 2010, teve por finalidade discutir os rumos que seriam tomados pelo Poder Público no que diz respeito a todas as etapas e modalidades da educação. A comissão organizadora foi composta por representantes das secretarias de educação, conselhos, dirigentes, municipais, estaduais e federais, e de todas as entidades que de forma direta ou indireta atuavam na área da educação. O tema da Conferência Nacional foi: Construindo um sistema nacional articulado de educação – Plano Nacional de Educação, suas diretrizes e estratégias de ação (BRASIL, 2006).

Entre os assuntos discutidos na CONAE teve-se a defesa do PNE como um documento com metas realistas e possíveis a serem cumpridas desde que ocorresse aumento nos investimentos públicos para a educação, as políticas públicas, as articulações e as deliberações futuras entre outros assuntos específicos ganharam forma nas reuniões e discussões do evento (BRASIL, 2006).

Consideramos que as propagandas *Valorização do Professor I e II* fizeram parte de um planejamento mais amplo sobre educação desenvolvido pelo governo federal da época, juntamente com o MEC, o que marcou assim um conjunto de ações (PDE, PNE, CONAE e outros) que centralizaram o

slogan, *Brasil, um país de todos*, que pode representar um país que luta por direitos iguais e garantias de qualidade nos setores da educação.

#### **4.2 Análise das características dos personagens e dos locais em que eles se apresentaram**

A seguir, vamos discutir quem são e como são os personagens e locais que compõem as vídeo-propagandas *Valorização do Professor I e II*.

Em *Valorização do professor I*, os personagens apresentam-se como alunos de 15 a 25 anos e professores de 25 a 40 anos, cabeça e tronco dos atores tomam maiores proporções nas projeções do vídeo, frequentemente eles aparecem em grupos. Para melhor identificação, os grupos do primeiro vídeo analisado foram enumerados.

Grupo 1: É composto por 4 rapazes, três deles têm pele parda e um deles a pele clara, todos têm cabelos lisos e escuros, não estão uniformizados, o jovem de pele clara caminha a frente dos outros, todos estavam com mochila nas costas, o rapaz que caminhou a frente, além da mochila, carrega materiais no braço. Esta cena ocorreu no pátio de uma instituição que é de cor neutra e sem mais movimentações de outras pessoas.

Analisamos neste primeiro grupo que estes jovens são alunos de uma instituição de ensino superior, tendo em vista que estão sem uniformes, entram separados de outros estudantes, há um jovem que caminha a frente, de pele clara, Podemos inferir que esta cena representa o que já mencionamos anteriormente, a partir das contribuições de Pato (1996), sobre divisão de classes e seleção dos mais capazes, já que o rapaz de pele branca é quem conduz os demais e carrega os materiais escolares, enquanto os outros apenas caminham. Como se ele carregasse o conhecimento e indicasse o caminho aos alunos que o seguem.

Grupo 2: Na próxima cena o personagem em ação foi um professor, de jaleco branco, magro, pele parda, barba por fazer, segurou e movimentou um recipiente de laboratório com um líquido azul. Ele não divide sozinho a centralidade da cena porque desfocado está o rosto de perfil de uma moça de pele clara, trata-se de uma aluna ou monitora que olha levemente para baixo.



**Figura 6.** Representação de um professor de laboratório em *Valorização do professor I*



**Fonte:** Balzan (2014).

É interessante constatar a reprodução dos estereótipos, uma vez que o professor de laboratório é um homem, por que não poderia ser uma mulher? A professora mulher está limitada a trabalhar com crianças pequenas? Observem que quando o ensino foi visto como científico ele foi representado por um professor homem.

Grupo 3: A próxima cena foi envolvida por 4 jovens, 2 moças e dois rapazes que sem uniforme escolar e no pátio da instituição brincaram de dança da cadeira, todos pardos, eles com cabelo liso e escuro uma delas com o cabelo liso, escuro, longo e a outra, cabelo liso, escuro e médio, todos magros, uma delas de cabelo médio segurou um pacote de salgadinhos em uma das mãos enquanto brincou, a marca do produto não apareceu, a jovem de cabelo longo ficou de fora da brincadeira, pois, haviam três cadeiras e eles giraram em volta delas, quando os mais rápidos sentaram o mais atrasado ficou de fora. Notamos que mais uma vez alguém ficou para trás não podendo acompanhar os outros, a brincadeira feita pelo grupo 3 deixa uma impressão de que sempre irá ter vez para os mais capazes, trata-se de um ideal de seleção ou classificação, parecido com os vestibulares das universidades, sempre existirão aqueles que ficarão de fora da brincadeira, ou melhor, da universidade.

Uma brincadeira infantil em um universo de adulto pode indicar que uma instituição de ensino será sempre um lugar que irá proporcionar prazer e divertimento para os alunos, pois, as dinâmicas farão parte dos processos de ensino, quando não, dos processos de intervalos durante as aulas entre os próprios alunos, ou seja, a ideia do agradável e divertido entrou em questão.

O ambiente foi o pátio da instituição e a cor neutra prevaleceu, temos que as cores observadas podem indicar um ambiente claro, iluminado, no sentido de que a escola ou universidade geram conhecimentos capazes de transmitir luz, as cores claras podem indicar o aceitável principalmente no modo estético de representação.

Grupo 4: Na sequência uma única jovem, que se tratou de uma moça de pele clara, cabelo liso, preto e preso com franja longa por trás das orelhas, de óculos, foi focada enquanto estudava na sala de laboratório, de frente para a câmara mas com os olhares a passear pelo ambiente, ela fez em seu rosto uma expressão de alguém que estava buscando uma resposta para algum problema enquanto gesticulava com as mãos e segurava um objeto parecido com um termômetro.

Parece ser uma aluna, porém, pode ser também uma monitora, ou professora uma vez que ela veste jaleco branco. Notamos o estereótipo de que o conhecimento científico é gerado somente em laboratórios reproduzindo antigo desejo das ciências naturais. Segundo Patto (1996), o conhecimento científico tem início pela resistência ao senso comum e aos estereótipos, uma vez que a ciência que se limita ao que já existe na vida cotidiana é uma ideologia disfarçada com explicações que geram suspeitas.

Grupo 5: Composto por 3 jovens, duas moças e um rapaz foram focados enquanto estavam sentados de frente para um computador, todos uniformizados, de pele parda, ele com o cabelo escuro e liso e elas com o cabelo liso, escuro e brincos grandes, a jovem que estava sentada no meio usou o cabelo preso, ela apoiou um dos braços na mesa do computador e elevou a mão ao queixo, enquanto olhou para o aparelho abriu um sorriso e boca enorme e seus amigos a observavam e dialogam com a mesma e em nenhum momento olham para o computador. Foi possível visualizar um adulto atrás de todos os alunos que ali estavam, uma professora, distante, de cabelo liso, curto e escuro, pele parda em momento algum foi centralizada na câmera, mostrou-se quase que totalmente de costa. O ambiente foi uma sala de informática, com cores neutras, havia outros alunos sentados em volta do grupo, diante de outros computadores, mas contracenaram como figurantes por isso suas imagens não foram focadas.

**Figura 7.** Representação da professora desfocada em *Valorização do Professor I*



**Fonte:** Balzan (2014).

Notamos que a relação entre os alunos e a aparente alegria deles são mais relevantes do que a aula em si, isso remete a um ideal para atrair os jovens para a universidade com a mensagem de que ali irão encontrar um espaço de intensos relacionamentos, assim, mencionam que ser um docente será apenas um detalhe, já que a professora esteve desfocada. Aqui podemos encontrar um elemento de desvalorização do professor: a propaganda pretende incentivar o ingresso em cursos que preparam para o magistério, mas a professora é uma personagem desfocada das cenas, porque seu papel tornou-se irrelevante se comparada aos alunos, ela tornou-se apenas um coadjuvante, parece contraditório, querem chamar para ser professor e desfocam o profissional em questão. A instituição que marca este grupo não deve ser a mesma dos grupos anteriores, pois, eles estavam uniformizados.

Grupo 6: Composta por 3 jovens, duas moças e um rapaz, sentados em uma sala, conversavam e concordavam uma com a outra com o movimento das cabeças (indo de cima para baixo) enquanto o rapaz utilizava um microscópio, todos de pele parda, ele com o cabelo liso e escuro, uma delas com o cabelo liso, escuro e preso e outra liso, escuro, meio preso e médio, as duas uniformizadas, o menino não, detalhe, não é o mesmo uniforme que utilizou o grupo 5. O ambiente foi uma sala de laboratório, com cores neutras, atrás dos personagens havia pessoas que não receberam o foco da atenção cinematográfica.

Analizamos mais uma vez que um homem mostra-se no domínio de um material de laboratório, enquanto as mulheres apenas conversavam, mesmo tratando de alunos, o estereótipo de que um “cientista” é sempre um homem prevalece.

Grupo 7: Composta por 4 mulheres, que sentadas em carteiras enfileiradas prestavam atenção à aula que estava sendo ministrada. Exceção quando comparado aos outros grupos, este possuía personagens que aparentavam ter entre 25 e 40 anos. A primeira mulher recebeu um desfoque, de pele parda, cabelo curto e escuro, peso médio, com a cabeça inclinada para baixo olhou para o lado sem se movimentar, a segunda também ficou desfocada, foi uma mulher de pele parda, cabelo meio preso, liso e tingido para o loiro, magra, com um leve sorriso no rosto sem mostrar os dentes, ela se movimentou sem sair da cadeira até dar uma vantajosa centralidade para a amiga de trás que recebeu o foco nítido da câmera, a então mais jovem de todas, com pele parda, cabelo liso, preso e escuro, no mesmo tempo que a personagem anterior se movimentou. A jovem da vez deu um leve suspiro e com um moderado sorriso no rosto correu os olhares para o ambiente e para cima, a próxima mulher, ficava atrás da menina mais jovem, recebeu pouca atenção das câmeras, tanto que sua imagem desapareceu no momento em que sua amiga da frente suspirou fundo, esta última personagem foi uma mulher de pele clara, cabelo liso e longo, que estava com o braço apoiado na carteira e com a mão no rosto, nenhuma delas estava uniformizada. O ambiente foi uma sala de aula com cores neutras, além das 4 mulheres havia um homem atrás das personagens, porém, este recebeu muito pouco foco das imagens, o que foi possível perceber é que ele também estava sentado, com a pele parda, usou boné voltado para frente, não usava uniforme.

A finalidade da cena pode ser mais uma vez a ideia de seleção dos mais capazes por centralizarem uma moça em meio a outras personagens. Parece reproduzir um curso de licenciatura em pedagogia já que a cena apresentou a predominância de mulheres em sala onde um único homem apareceu no grupo desfocado.

Grupo 8: Composto por duas moças que dividiram as cenas com três tipos distintos de recipientes de laboratório, dois deles com um líquido de cor roxo e um vazio, uma das moças segurou e observou um outro recipiente com

líquido de cor azul enquanto a outra manteve os olhares no ambiente, ambas com pele parda estavam de jaleco branco, a jovem que segurou o material tinha o cabelo cacheado, escuro, e meio preso, sua companheira de gravação tinha o cabelo escuro, liso, solto. Atrás das jovens havia um rapaz que segurava um recipiente com um líquido amarelo, porém ele recebeu pouco foco, foi possível só visualizar seus braços de cor parda que se movimentaram acima da cabeça das moças. O ambiente foi uma sala de laboratório com cores neutras, exceto os líquidos coloridos.

**Figura 8.** Representação de uma aula em laboratório em *Valorização do Professor I*



**Fonte:** Balzan (2014).

Mais uma vez a atenção é voltada para as salas com materiais científicos, por que valorizam esse cenário? Por que ele recebeu mais valor do que uma aula de história, língua portuguesa ou matemática? Formar professores em cursos de licenciatura em laboratórios?

Analisamos também que há nesta vídeo-propaganda a predominância de personagens com pele parda, nos perguntamos, será que se a propaganda estivesse interessada em incentivar o ingresso em cursos de medicina, engenharia ou direito seriam os sujeitos de pele parda os escolhidos?

Grupo 9: Composto por 3 jovens, conforme a câmera se afastava apresentava mais uma personagem o que compôs assim 4 deles, foram dois rapazes e duas moças, abraçados de frente para as câmeras, eles davam largos sorrisos enquanto olhavam para máquina como se fossem posar para fotos, os rapazes com pele parda, cabelo escuro e liso, uma das moças com pele parda, cabelo alisado e tingido para o loiro, a outra tinha a pele clara, cabelo liso, longo e escuro, todos magros, com mochila nas costas e uniformizados, detalhe, com o mesmo uniforme usado pelos personagens do

grupo 5. O ambiente foi o pátio da instituição, não havia demais personagens desfocados nesse momento da peça.

O cenário chama a atenção para a alegria expressa no rosto desses jovens, a hipótese de que o ambiente escolar é um lugar que proporciona felicidade é mais impactante quando demonstrado por este grupo, o uniforme já visto anteriormente remete à mesma instituição apresentada pelo grupo 5, os uniformes podem remeter a um mundo infantil e adolescente, pois, adultos não precisam de roupas iguais dentro de uma instituição de ensino; se forem futuros professores serão tutelados?

Grupo 10: Composto por 3 mulheres sentadas em sala, a primeira foi apresentada de perfil, a câmera pegou somente seu rosto, loira, cabelo liso e solto, com um sorriso aberto movimentou o rosto e olhou para o ambiente, ao lado, a próxima personagem analisada, foi uma mulher de pele clara e cabelo escuro, que também sorriu abertamente enquanto movimentou o rosto de cima para baixo ao ponto que aos poucos foi se escondendo e dando vez para a próxima personagem que ganhou centralidade, esta, uma mulher de pele parda, cabelo longo, preso e escuro, sorria abertamente enquanto manteve a cabeça para baixo, todas de jaleco branco. Atrás deste grupo havia personagens que também estavam sentados e logo foram escondidos, um homem de pele clara e uma mulher de cabelo escuro e pele parda.

Por se tratar de mulheres adultas, o grupo 10 pode estar representando um grupo de professoras em reunião, ou em algum curso de formação continuada, ficaram para o final das cenas, apareceram pouco e na maioria das vezes sem focos exatos, não conversam entre si, mas apenas sorriem, comportam-se no vídeo como pessoas que aceitam tudo o que lhes ordenam sem questionamentos, ora estão escondidas, com expressões simpáticas, ora estão de cabeça baixa.

O ambiente com cores neutras onde predominou o grupo de mulheres logo deu lugar a cena de encerramento, nela diversos jovens sem uniformes foram filmados de alto para baixo transitando no pátio de cores neutras, vista em proporções maiores a imagem ficava cada vez mais desfocada até dar o encerramento da vídeo-propaganda.

A partir das análises dos grupos apresentados consideramos que a vídeo-propaganda *Valorização do Professor I* teve a finalidade de atrair jovens

para cursos de licenciatura em pedagogia. A sala de aula convencional e o trabalho do professor não foram apresentados como peças-chave nas cenas, logo, o docente manteve-se quase que distante da sala de aula e próximo a ambientes acadêmicos, onde universitários tiveram o papel de personagens principais, indicando que estudantes jovens são responsáveis por gerar o próprio conhecimento e busca para uma carreira profissional.

Enfim, o que se presenciou foram conteúdos fictícios do cenário acadêmico e escolar pensados por uma empresa comercial, para atrair o estudante jovem para a universidade. Nota-se que pretenderam chamar jovens para os cursos de licenciatura, mas o professor pouco se viu, querem formação de professores, mas não o valorizam, quando a propaganda diz valorizá-lo.

A imagem do mestre recebeu a mínima das atenções, o profissional que seria valorizado, a partir do vídeo, ficou oculto, foi somente um acessório, mesmo quando de forma rápida apareceu desfocado aos fundos das cenas, ou por breve momento estereotipado no personagem de um homem cientista ou mesmo por um grupo de mulheres professoras que diante de uma câmera curvaram a cabeça sem deixar de sorrir.

Em *Valorização do Professor II* os personagens são compostos por sete entrevistados, uma professora e sua turma, no entanto a peça se inicia com a apresentação de sete países, desenvolvidos social e economicamente, seus nomes aparecem na horizontal da tela em notas de rodapé na margem esquerda de quem assiste, são eles: 1) Inglaterra, 2) Finlândia, 3) Alemanha, 4) Coreia do Sul, 5) Espanha, 6) Holanda 7) França.

Observem que não há menção de países da América Latina, do Oriente Médio ou da África, de forma generalizada os países europeus e asiáticos foram escolhidos, o que nos levou a questionar os motivos pelos quais países não desenvolvidos não apareceram no vídeo, o que pode estar por trás dessa escolha?

Se o objetivo é chamar a atenção do público para a profissão tradicionalmente desvalorizada em nosso país, vale escolher países com maior visibilidade ou credibilidade, assim sendo, a seleção dos países não foi feita de forma aleatória, pois, para dar força a uma profissão desqualificada por inúmeros discursos, inclusive governamentais, utilizaram de países que possuem poder no imaginário popular, poder econômico, social, cultural e intelectual.

Os países são filmados durante o dia, Inglaterra, Alemanha e Coréia do Sul apresentam pessoas e trânsitos em movimentos, enquanto os outros aparecem em plano máximo como se a câmera estivesse sobrevoando não a muita distância de seu território, todos são demarcados em suas receptivas capitais.

As sete pessoas entrevistadas pertencem respectivamente aos países apresentados, são jovens e adultos que aparentam ter entre 20 e 50 anos, três mulheres e quatro homens que, sorridentes, com roupas informais ou de lazer, respondem a pergunta feita pelo narrador de forma alternada (homem e mulher): Qual é, na sua opinião, o profissional responsável pelo desenvolvimento? Todos responderam de imediato ser o professor.

Não há menção de outros profissionais que podem ser responsabilizados por um país prospero, por que não um político? Por que não um vereador, prefeito ou governador?

Os entrevistados aparecem em plano nítido das imagens com tronco e cabeça em evidência, relacionamos os personagens e países de acordo com as características presentes no vídeo.

O primeiro a ser entrevistado foi da Alemanha, um homem de pele clara, magro, barba cheia, cabelo escuro e liso que cai na testa até a frente dos olhos, usou óculos transparentes e roupas escuras. A segunda personagem foi da Coréia do Sul, uma mulher de pele clara, olhos puxados, magra, cabelo longo, solto, liso e tingido para o loiro, de roupa azul. O terceiro personagem foi da Espanha, um homem de pele clara, magro, calvo de cabelo liso e escuro, usou para a peça uma camisa de time espanhol (Barcelona). A quarta personagem foi da Finlândia, uma mulher de pele clara, magra, cabelo liso, loiro e longo jogado para trás dos ombros, se apresentou de casaco azul e cachecol dentro das roupas. O quinto personagem foi da Inglaterra, um homem de pele clara, magro, cabelo liso e escuro, cavanhaque cheio, vestiu boné e roupas de inverno de cores escuras. A sexta personagem foi da Holanda, uma mulher, pele clara, magra, cabelo liso, médio e escuro a frente dos ombros, usou brincos médios e roupas claras de verão. O sétimo personagem foi da França, um homem de pele clara, magro, cabelo liso e escuro, de cavanhaque pouco cheio e bigode espesso, vestiu roupas de inverno de cor escuras.



**Figura 9.** Representação das pessoas entrevistadas em *Valorização do Professor II*, da esquerda para a direita: Alemanha, Coréia do Sul, Espanha, Finlândia, Inglaterra, Holanda e França



Fonte: Balzan (2014).

Observem a predominância de pessoas de pele clara, magras, de cabelos lisos, com roupas de lazer ou roupas escuras que indicam lugares com diferentes climas, possuem aparências de pessoas da classe média-alta, que estavam andando nas ruas durante o dia e de repente se depararam com um jornalista brasileiro que lançou uma pergunta tão óbvia para ser respondida, sem precisar de esforços ou reflexões, sem precisar de demais argumentações, por isso, já estava na ponta da língua a resposta.

A próxima personagem analisada foi a professora, uma mulher de pele negra, magra, cabelo cacheado de tamanho médio, usou um acessório acima da testa de cor azul, calça jeans, blusinha de cores branca e vermelha bordô, se apresentou com pequenos livros em mãos. Seus alunos estavam todos com uniforme azul turquesa e calça azul marinho, sentados aguardavam a professora, alguns sem mochila outros com o objeto nas costas ou jogado aos pés.

Notamos que a única personagem de pele negra e cabelo cacheado, tanto no primeiro quanto no segundo vídeo, foi a professora, ela apareceu no final das cenas para confirmar que o professor é o sujeito responsável pelo desenvolvimento, no vídeo ela está preparada para entrar em sala, com materiais à mão, apresentando a professora que irá trabalhar e contribuir para o desenvolvimento do país.

**Figura 10.** Representação da personagem professora em *Valorização do Professor II*



Fonte: Balzan (2014).

Analisamos que no vídeo *Valorização do Professor II* os conteúdos continuaram indicando situações fictícias sobre a responsabilização do professor para atrair determinado tipo de sujeito, desta vez mulheres, adultas, brasileiras e negras, para atuarem na profissão e carreira do magistério. Ainda que o segundo vídeo tenha reservado o papel e fala principal a uma personagem que representou uma professora, esta reproduziu com fidelidade o discurso de um sistema e classe dominante quando afirmou ser o professor o profissional responsável pelo desenvolvimento do país, dizeres esses que foram colocados também nas respostas dos personagens que fizeram o papel de entrevistados nas diferentes cidades estrangeiras.

Além do conteúdo para atrair mulheres para os cursos de licenciatura em pedagogia, a vídeo-propaganda II apresentou uma imagem de uma professora, submissa, salvadora da pátria, que não questionou, criticou ou expôs opinião própria, mas, reproduziu os dizeres de pessoas estrangeiras,

segundo os quais a professora de magistério é uma profissional responsável por um país mais justo, desenvolvido e com oportunidade para todos, afinal, não foi objetivo da propaganda trazer questionamentos, mas, fazer o convite para se tornar professor.

Assim, consideramos que a propaganda quer que o público se identifique com o vídeo e faça a escolha para ser um professor, no entanto quem demonstra valorização do professor pela fala não se aproxima do público a que o vídeo se destina. São jovens, brancos, ricos, moradores de países valorizados e, contraditoriamente, a imagem da peça é de uma professora negra e representante de um país desvalorizado. Para ser professor precisamos seguir um modelo que não é nosso?

Patto (1996) afirmou que reproduzir estereótipos é criar dependência de padrões, quando na verdade o que deve ser feito é resisti-los a fim de gerar mudanças, porque ao pensar contra o senso comum temos avanços, e será nesse momento em que o conhecimento científico começará a ser produzido.

### **4.3 A mensagem falada**

A fim de analisarmos o conteúdo das mensagens faladas no que diz respeito ao professor nas vídeo-propagandas nos preocupamos em reproduzi-las neste subitem. Inicialmente apresentaremos a narração de *Valorização do Professor I* em sequência *Valorização do Professor II*.

Em *Valorização do Professor I* a narração em voz masculina que ocorre durante as cenas é:

\_\_Onde você trabalha as pessoas sempre te dão as opiniões mais honestas? (pausa)

\_\_Fazem perguntas que ninguém pensaria fazer? (pausa) \_\_Você consegue debater com gente que realmente quer formar sua própria opinião? (pausa)

\_\_Trabalhe com pessoas mais interessantes do mundo! Seja um professor!

A narração final é conduzida por uma voz feminina que apresenta a forma de busca para maiores informações a respeito da profissão de professor no site do MEC, enquanto a narradora afirma:

\_\_ Consulte o portal do MEC, Brasil, um país de todos!

Temos que a narração do primeiro vídeo produz uma mensagem totalmente voltada para o telespectador apresentando uma profissão que trabalha com pessoas que dão opiniões mais honestas, nos perguntamos: quem são estas pessoas? Alunos ou professores? Se voltarmos para a caracterização dos grupos da propaganda podemos afirmar que são os alunos.

Vejam que os alunos fazem perguntas que ninguém mais poderia fazer, assim, um telespectador é indagado a responder se conseguiria debater com gente que quer formar a própria opinião? A propaganda menciona, assim, que caso não sejam professores, os telespectadores não conseguirão debater com outras pessoas. Mas que outros profissionais, além do professor, podem discutir sobre um determinado assunto? Por acaso formar opinião é algo que está limitado ao professor?

E ao analisarmos a mensagem que se apresenta, trabalhar com as pessoas mais interessantes do mundo, nos questionamos: Quem são as pessoas mais interessantes do mundo para se trabalhar? Parece contraditório, já que as pessoas mais interessantes do mundo são apresentadas pela propaganda como personagens que fazem o papel de figurantes.

Analisamos que as mensagens faladas nesta propaganda não pretenderam levar o telespectador a criticar e a conhecer a realidade vivida por professores, o interesse estava em divulgar uma profissão a fim de vendê-la a um maior número de jovens e adultos.

Em *Valorização do Professor II*, o narrador faz uma pergunta que logo após é respondida por sete pessoas entrevistadas, cidadãos de países que foram apresentados pela vídeo-propaganda em questão com destacado desenvolvimento econômico e social nos últimos 30 anos: Qual é, na sua opinião, o profissional responsável pelo desenvolvimento? Todos os entrevistados enunciaram, sem expressar dúvidas a resposta:

\_\_ O Professor!

Em sequência, a cena se volta para a personagem de destaque que é a professora, negra, jovem e magra, que caminha devagar enquanto se dirige aos seus alunos e diz com os olhares para a câmera:

\_\_Venha construir um país mais desenvolvido. Mais justo, com oportunidades para todos. Seja um professor!

Ao encerrar o diálogo com o telespectador, a professora volta-se para os alunos, que a aguardavam sentados e uniformizados nos degraus da escada que dá acesso a escola com um:

\_\_Bom dia! Vamos lá!

As crianças, em coro, respondem:

\_\_Bom dia! Vamos!

A narração final é feita por uma voz feminina que, semelhante ao vídeo anterior, aconselha os interessados por maiores informações a se dirigirem ao site do MEC para conhecerem a respeito da profissão, logo:

\_\_ Consulte o portal do MEC, Brasil, um país de todos!

Temos na narração e diálogo do segundo vídeo, primeiramente, países selecionados e apresentados como desenvolvidos, diante disso nos perguntamos: por que se deixar influenciar por países estrangeiros? Antes de estrangeiros são considerados como países modelos. Na sequência as pessoas desses países dão respostas aceitáveis para a continuação da propaganda em questão, que coincidência todos terem a mesma opinião a respeito do profissional responsável pelo desenvolvimento de um país, isso remete a uma responsabilização social do professor como sujeito notável, quando na verdade não o é. O diálogo da professora serviu apenas para reforçar as respostas estrangeiras de modo que sua fala foi incorporada somente no fim do vídeo sem trazer nenhum novo argumento.

Patto (1996) quando estudou histórias de reprovação de quatro crianças em uma escola de periferia na região oeste da cidade de São Paulo no começo dos anos 1980, mostrou esse papel desvalorizado do professor, uma vez que observou que médicos e psicólogos diagnosticavam problemas de escolarização das crianças, desqualificando o conhecimento do professor sobre seu aluno, porque alguém sempre falava por ele. Não é o docente quem analisa os problemas enfrentados nas escolas e planeja soluções.

Na primeira propaganda os alunos parecem mais importantes, vestem jalecos, ficam em evidência, frequentam laboratórios, na segunda propaganda sete pessoas são entrevistadas, quando a professora foi apenas uma unidade, nota-se que todos têm voz e vez, mais importantes que o professor, porque ele foi deixado a segundo plano.

Consideramos que ambas as vídeo-propagandas apresentaram mensagens que mencionam a existência de sujeitos e países melhores, apresentam uma fuga da realidade. A intensidade colocada nas falas (opiniões mais honestas, mais interessantes, mais desenvolvidos) remetem a narrações que pretendem convencer e despertar certa curiosidade e ao mesmo tempo apelar para corrigir a falta de professores no mercado de trabalho, assim, usam das mensagens transmitidas para divulgar um ideal, o de que o professor é o trabalhador mais satisfeito que existe, que sua rotina e ambiente de trabalho, relacionamento com outros profissionais, se dão entre pessoas mais interessantes do mundo.

Segundo Patto (1996), as teorias raciais e da carência cultural possuíam um discurso da existência de sujeitos mais capazes e mais aptos para desenvolverem trabalhos e aprendizagens, defendiam o mérito pessoal como o único critério de seleção educacional ou social. Classificar os professores como sujeitos mais capazes para lidar com o desenvolvimento social parece indicar extrema valorização desse profissional, como se ele tivesse méritos pessoais e formais condizentes para se responsabilizar pelo desenvolvimento do país; de outro lado, porém, ele poderá ser culpado se o progresso social não for alcançado.

#### **4.4 A mensagem oculta**

Segundo Balzan (2014), a principal mensagem da propaganda *Valorização do Professor I* é incentivar os jovens a serem professores, além de criarem um estímulo para auto aceitação e crescimento pessoal de quem já é um professor.

Contudo, analisamos que outro aspecto relevante da propaganda foi remeter a formação de professores em laboratórios, por isso o vídeo trata de uma ficção, pois, trouxe consigo a ideia de que cursos de licenciatura se dão nos ambientes científicos valorizados. Logo, preocuparam-se em valorizar a profissão inserindo o laboratório, mas se trata de uma das mais desvalorizadas do país quando comparamos salários, formação, condições de trabalho e investimentos em geral. Por isso o laboratório é tão presente, por isso o jaleco branco, para dar credibilidade a uma profissão desacreditada.

Segundo Patto (2007), devemos pensar na valorização do professor em três frentes, na questão salarial, nas decisões que irão afetar seu trabalho e na formação profissional, as mudanças são necessárias, por isso é importante livrar a política educacional dos interesses políticos e partidários, que fazem da instituição escolar moeda eleitoral, sem essas e outras medidas, continuaremos presos ao poder do atraso, e sujeitos ao que escolherem transmitir para nós.

Para Balzan (2014), principal mensagem da peça *Valorização do Professor II* é atrair jovens para cursos de licenciaturas e apresentar a educação como algo capaz de mudar o mundo.

Analisamos que a peça II apresentou de uma forma exagerada o professor como o responsável para construir um país mais justo e com oportunidades para todos. O docente foi marcado como um sujeito heroico, com certa divindade e considerado por todos os entrevistados como esse ser divino, a venda de uma profissão foi feita, a fim de atrair e convencer toda uma sociedade que, se o país passa por um caos de pobreza, corrupção, violências e abusos, a salvação será a partir do professor, se o país é rico, desenvolvido e democrático a responsabilidade também será dele, se estes últimos aspectos prevalecerem, o professor seria valorizado?

Segundo Balzan (2014, p. 8), as propagandas pretenderam esconder uma realidade, pois, tratou-se de:

Agregar valor num momento em que a profissão passa por uma crise de identidade agravada, inclusive, pelos baixos salários, pelo número exíguo de estudantes matriculados nas turmas de Licenciatura e pelos frequentes atos violentos praticados nos ambientes escolares em que tanto professores quanto estudantes são agredidos verbal e/ou fisicamente.

Portanto, os criadores das vídeo-propagandas padronizaram uma afirmação hegemônica, pragmática e dominante de cunho político, com a finalidade prática e objetiva de expressarem um mito, o de que o professor “cientista” ou um sujeito camuflado por trás de seus alunos quando não um herói da pátria.

Dessa forma, compete ao sistema elaborar metodologias para manipular os sujeitos nas esferas cotidianas tendo em vista o rompimento das

transformações para o funcionamento da sociedade, com isso, decisões morais e ideológicas são concebidas nos moldes dominantes a fim de manter uma ordem vigente (PATTO, 1996).

Segundo Patto (2007), a política educacional está pautada nas disputas partidárias e governamentais, assim, a improdutividade é o principal produto da escola pública.

As propagandas em questão se caracterizaram por várias linguagens, tanto visuais quanto verbais, a fim de levarem indagações e fazerem afirmações para convencer e atrair o telespectador (BALZAN, 2014).

Consideramos que o emissor entendeu que a mulher, de acordo com Patto (1992), compõe quase toda totalidade do corpo docente do ensino fundamental, uma vez que precisa ajudar em rendas domésticas e muitas vezes atribulada como dona de casa e com tripla jornada de trabalho transforma-se em verdadeira proletária dentro das instituições escolares. Compreendeu que há uma necessidade de existir jovens nos campos universitários que invistam no ramo das pesquisas inclusive na área da educação, o emissor pensou em vídeo-propagandas que despertassem os sentidos, as emoções de seu telespectador, por isso, duas propagandas em vez de uma, pessoas felizes e sorridentes, profissionais valorizados por civilizações estrangeiras. A estratégia foi criar nos receptores uma expectativa a respeito da cidadania e do papel que cada um exerce na sociedade, sendo responsabilidade do mestre formar um país desenvolvido ao invés de formar pessoas com aquisição e humanização do saber científico e sistematizado.

A possibilidade do receptor não criticar os conceitos presentes neste tipo de material é grande uma vez que a mídia reproduz os estereótipos existentes no contexto social e cultural das populações e grupos além de se tratarem de propagandas curtas sem a finalidade de provocar reflexões.

Portanto, quanto mais a alienação invadir o pensamento, ou a vida cotidiana, mais a estrutura dominante exerce seu poder, ao ponto de não haver mais distinção entre o científico e o senso comum (PATTO, 1996).

Ao relacionarmos as propagandas, consideramos que *Valorização do Professor I* possui conteúdos a fim de atrair jovens para cursos de licenciatura quando a credibilidade a uma profissão está desacreditada, enquanto *Valorização do Professor II* possui conteúdos a fim de atrair mulheres para



cursos de licenciatura em pedagogia. Em *Valorização do Professor I* a imagem do professor quando não é dada por um homem “cientista” é apresentada por professoras desfocadas e cabisbaixas, em *Valorização do Professor II* a imagem do professor é apresentada por uma mulher, professora crianças como sendo a salvadora da pátria.

Na vídeo-propaganda II a responsabilização do professor ocorreu de forma implícita, já que a propaganda não culpa explicitamente o docente pelo fracasso escolar, mas, pelo desenvolvimento do país. Se o professor pode salvar, supõe-se que também será responsabilizado quando esse objetivo não for atingido.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar quais conteúdos sobre professores são incorporados nas peças publicitárias *Valorização do Professor I e II* divulgadas em nome do Ministério da Educação em 2009.

Verificamos que na vídeo-propaganda I o professor foi apresentado como figurante ou coadjuvante, possuindo pouco destaque nas cenas que se voltaram mais para salas de laboratórios e para grupos de alunos do que para os professores, afastando-se de seu próprio título e finalidade, que era valorizar. Valorizou-se, por outro lado, um modelo de ensino universitário e de ciência distante dos cursos de formação para o magistério.

Na vídeo-propaganda II, o professor foi retratado como uma mulher que atua com crianças pequenas, como personagem principal, porém, sua performance nas cenas foi apenas para reproduzir as falas dos personagens anteriores, mas reportando um específico argumento, o de que o professor é o profissional responsável pela construção de uma país mais justo, desenvolvido e com oportunidade para todos. E se o professor não conseguir? O país fracassa?

Embora façam parte de um mesmo conjunto, as propagandas apresentam diferentes conteúdos com a finalidade de valorizar o professor. No primeiro caso, valorizada é a ciência natural, típica do laboratório. No segundo, é o professor, profissional, mestre, valorizado por outros países, que não encontra valorização correspondente no Brasil.

O primeiro objetivo específico desta pesquisa foi identificar quais conteúdos estavam presentes nas peças publicitárias *Valorização do Professor I e II*, verificamos que eles trataram de estratégias governamentais para atrair jovens e mulheres para os cursos de licenciatura em pedagogia a fim de que busquem carreiras na profissão de professor.

O segundo objetivo específico foi analisar a imagem do professor transmitida pelas vídeo-propagandas, observamos que *Valorização do Professor I* apresentou professores como figurantes, em *Valorização do Professor II* a professora foi uma mulher que reproduziu um discurso dominante.

A partir das nossas análises, consideramos que houve uma responsabilização implícita do professor frente ao fracasso escolar na vídeo-propaganda *Valorização do Professor II*. O que ambas as propagandas possuem em comum, é que, usaram de mecanismos fictícios para retratar o ambiente e forma de trabalho do docente sem valorizá-lo, como mencionaram nos títulos das propagandas.

Segundo Patto (1996), é um erro localizarmos no professor a causa de uma escola ineficiente, uma vez que sua razão de ser encontra-se na lógica do sistema que totalmente organizado age perversamente de modo que leva os docentes a criarem estratégias de sobrevivência diante de condições adversas de trabalho, fazendo do professor um instrumento e não uma finalidade em seu trabalho. Assim quanto mais alienada for a vida cotidiana de um profissional, quando mais desfigurado do assunto de próprio interesse ele estiver, mais instrumental ele irá se constituir nas relações sociais.

Neste contexto, o professor ou o aluno são colocados como incompetentes diante do sistema educacional para camuflarem uma arbitrariedade e dominação reforçada pela crença de que indivíduos mais capazes devem ocupar os níveis superiores da pirâmide, detendo o poder de punir ou compensar quem lhes interessa (PATTO, 1996).

Nossa hipótese de que as informações ideológicas transmitidas pelas vídeo-propagandas *Valorização do Professor I e II* pretenderam demonstrar como é atraente, divertido e relevante para o cidadão se tornar um professor, foi confirmada, uma vez que os produtores da peça usaram de uma linguagem sonora e visual iluminada e estereotipada para atrair determinados indivíduos para cursos de licenciatura em pedagogia.

Com o resultado das análises, consideramos que a escola precisa voltar seus interesses para seu corpo discente na mesma medida em que os professores devem possuir uma formação intelectual e de qualidade, que os capacitem a identificar o verdadeiro inimigo, para assim se aliarem a seus alunos na luta por uma escolaridade que vai contra os mitos e estereótipos (PATTO, 1992).

Assim, a relevância em analisar os conteúdos de materiais públicos nos levou a repensarmos os meios de valorização do profissional docente gerados pelos órgãos governamentais além de formarmos uma opinião crítica a respeito

da imagem e papel do professor frente à escolaridade de seus alunos quando de escolas públicas e frente a um sistema comandado por grupos dominantes, a fim de não nos prendermos ao senso comum ligado aos estereótipos e transmitirmos os conhecimentos gerados por meio desta pesquisa.

## 6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. A crise econômica internacional e seu impacto no Brasil. **Instituto Millenium**, Rio de Janeiro, RJ. Set. 2009. Artigos. Disponível em: <<http://www.institutomillenium.org.br/artigos/a-crise-economica-internacional-e-seu-impacto-no-brasil/>>. Acesso em: 05 out. 2016.

BALZAN, Fabíola Ponzoni. Seja Um Professor! Enunciados dos Docentes de um curso de Pedagogia sobre a Publicidade Oficial: Efeitos de Sentido. In: ANPED SUL, X., 2014, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis, 2014. p. 1-18. Disponível em: <[http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1541-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1541-0.pdf)>. Acesso em: jul. 2016.

BOSI, Alfredo. Educação: as pessoas e as coisas. **Comunicação & educação**, São Paulo, p.13-15, set./dez. 1996.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. Conferência Nacional de Educação. A conferência. Brasília. 2010. **Conae 2010 - Conferência Nacional de Educação** Disponível em: <[http://conae.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46&Itemid=57](http://conae.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=57)>. Acesso em: 05 out. 2016.

CAMPANHA valorização do magistério. Direção de Toni Venturini. Produção de Toni Venturini. Belo horizonte: LINK COMUNICAÇÃO E PROPAGANDA, 2009. (30 min), son., color.

CARISSIMI, Aline Chalus Vernick; TROJAN, Rose Meri. A valorização do professor no Brasil no contexto das tendências globais. **Jornal de Políticas Educacionais**, Curitiba, v.5, n. 10, p. 57-69, ago./dez. 2011.

EDUCAÇÃO, Todos Pela. Alfabetização e alfabetismo funcional de jovens e adultos. **Observatório do PNE**, Brasília, 2013. Metas do PNE. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/9-alfabetizacao-educacao-jovens-adultos/indicadores>>. Acesso em: mai. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Taxa de escolarização das pessoas de 06 a 14 anos de idade por sexo. Educação. Brasília. 2006. **IBGE**. Disponível em: <<http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-escolarizacao-das-pessoas-de-6-a-14-anos.html>> Acesso em: 28 mai. 2016.

GOMES, Romeu. A análise dos dados em pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-79.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In:\_\_\_\_\_. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013. p. 12-19.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. As Políticas Educacionais no Governo Lula: Rupturas e Permanências. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Minas Gerais, v.25, n.2, p. 197-209, mai./ago. 2009.

OLIVEIRA, Eliana de. et al. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.9, p.11-27, maio./ago. 2003.

OLIVEIRA, Kelly Araújo Valença; BARROS, Maria Claudia Meira Santos. Educação e Processos de Escolarização no Brasil: Trajetória Histórica. In: Jornada do HISTEDBR, X., 2011, Salvador. **Anais Eletrônicos...** 2011. p. 1-16 Disponível em<[www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada10/\\_.../bfcbmgae.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_.../bfcbmgae.pdf)>. Acesso em: jul. 2016.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Escolarização e desenvolvimento do pensamento: a contribuição da Psicologia Histórico-Cultural. **Revista Diálogo Educacional**, São Paulo, v.4, n.10, p. 1-12, set./dez. 2003.

PATTO, Maria Helena Souza. A família Pobre e a Escola Pública: Anotações sobre um Desencontro. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 3, n.3, p.107-121, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Produção do Fracasso Escolar**: Histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz,1996.

\_\_\_\_\_. Escolas cheias e cadeias vazias. Nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n.61, p. 243-266, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: Aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v.14, n.40, p. 143-155, jan./abr. 2009.

\_\_\_\_\_, Dermeval. O plano de Desenvolvimento da Educação: análise do projeto do MEC. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1231-1255, out. 2007.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: GT Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003, Poços de Caldas. Anais Eletrônicos... 2003. p. 5-17. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: mai. 2016.

VALORIZAÇÃO dos professores. Direção de Helvécio Ratton. Produção de Quimera Filmes Ltda. Belo Horizonte: LINK/BAGG COMUNICAÇÃO E PROPAGANDA LTDA, 2009. (60 min), son.,color.